

JOSEMAR VALDIR MODES

**CRESCIMENTO NATURAL DA IGREJA:  
Deixando a igreja ser igreja.**

Trabalho apresentado para cumprir as exigências da disciplina de TCC do Curso Bacharel em Teologia, ministrada pela professora Marivete Z. Kunz.

FACULDADE BATISTA PIONEIRA  
IJUÍ  
2009

**FACULDADE BATISTA PIONEIRA**

**CRESCIMENTO NATURAL DA IGREJA:  
Deixando a igreja ser igreja.**

---

Autor: **Josemar Valdir Modes**

---

Orientador de Conteúdo: **Claiton André Kunz**

---

Avaliador de Forma: **Claiton André Kunz**

---

Avaliador de Português: **Luciano Gonçalves Soares**

---

Avaliador Final: **Hariet Wondracek Krüger**

---

**Média Final**

Aprovada em \_\_ / \_\_ / \_\_

IJUÍ  
2009

## RESUMO

Assuntos relacionados à igreja têm, ao longo da história, chamado a atenção de muitas pessoas, principalmente quando a temática tratada refere-se ao crescimento de tão importante instituição. Diante desta preocupação tão nobre, pesquisas e modelos de crescimento têm sido elaborados constantemente. Procura-se uma fórmula, um meio pelo qual se possa assegurar que a igreja irá se expandir cada vez mais. Ao se olhar para a Igreja Primitiva, percebe-se nela um crescimento extraordinário e singular. Percebe-se também que a Igreja Primitiva não tinha nenhum modelo de crescimento que a orientasse. Tinha apenas princípios instituídos pelo próprio mestre Jesus. Preferências podem e devem ser mudadas de acordo com a situação (elas são a principal base dos modelos de crescimento); já princípios são inalteráveis. Eles devem permanecer. Verificando esta realidade vivenciada pela Igreja Primitiva, pode-se afirmar que os princípios são suficientes para que a igreja cresça, ou seja, basta a igreja ser igreja para crescer. Um destes princípios é *uma liderança bíblica*, que tem como principais elementos a busca pela visão de Deus, um profundo envolvimento com o trabalho bem como busca um envolvimento maior de todas as demais pessoas. Outro princípio é a *edificação da igreja* que focaliza o seu crescimento espiritual. Esta edificação ocorre por meio do discipulado, através do qual cristãos maduros caminham ao lado de novos convertidos, ajudando no seu desenvolvimento; da comunhão, que visa a unidade maior do povo de Deus; e da disciplina, através da qual se realizam correções visando manter a saúde do Corpo de Cristo. O *serviço constante* é outro princípio destacado pela Palavra de Deus. Servir, para a igreja, é trabalhar em favor de Deus e de Sua causa. A igreja serve a Deus através de seus dons, seus ministérios e seus recursos, sendo os maiores beneficiados destes atos a própria igreja e o mundo que é alcançado por essas ações. Destaca-se ainda o princípio do *testemunho*. Testemunhar é conduzir outras pessoas à verdade através de palavras e ações. A igreja demonstra seu testemunho diante do mundo através de vidas santificadas e transformadas, da pregação clara da Palavra de Deus e através do envio de missionários aos mais diferentes lugares.

## SUMÁRIO

### ***CRESCIMENTO NATURAL DA IGREJA***

Deixando a igreja ser igreja.

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>6</b>
<b>I – O CRESCIMENTO ATRAVÉS DA LIDERANÇA – PROÍSTEMI .....</b>	<b>9</b>
<b>1.1 Liderança Visionária .....</b>	<b>12</b>
1.1.1 O que é visão?.....	12
1.1.2 O caráter da visão de Deus .....	13
1.1.3 Os resultados da visão .....	14
1.1.4 O desenvolvimento da visão .....	15
<b>1.2 Liderança Servil .....</b>	<b>16</b>
1.2.1 O que significa ser servo?.....	17
1.2.2 As características fundamentais do servo .....	18
1.2.3 As atitudes de um líder-servo .....	19
<b>1.3 Liderança delegatória .....</b>	<b>21</b>
1.3.1 As características de uma equipe dinâmica .....	22
1.3.2 As implicações de delegar .....	23
1.3.3 Mantendo a saúde da equipe.....	24
<b>II – O CRESCIMENTO ATRAVÉS DA EDIFICAÇÃO - OIKODOMÉ... 27</b>	<b>27</b>
<b>2.1 Edificação pelo discipulado .....</b>	<b>28</b>
2.1.1 Quem pode ser discípulo de Cristo.....	29
2.1.2 O caminho do discipulado .....	30
2.1.3 Como fazer discípulos .....	32
<b>2.2 Edificação pela comunhão.....</b>	<b>33</b>
2.2.1 As marcas da verdadeira comunhão .....	34
2.2.2 As manifestações da comunhão.....	35
2.2.3 A importância da comunhão.....	36
<b>2.3 Edificação pela disciplina .....</b>	<b>38</b>
2.3.1 A Necessidade e o propósito.....	39
2.3.2 Os métodos de se exercer a disciplina .....	40
2.3.3 As consequências da falta de disciplina.....	42
<b>III – O CRESCIMENTO ATRAVÉS DO SERVIÇO – DIACONIA .....</b>	<b>44</b>
<b>3.1 Dons para o serviço .....</b>	<b>45</b>
3.1.1 A diversidade dos Dons .....	46
3.1.2 Os propósitos dos Dons .....	48
3.1.3 A atualidade dos Dons .....	49
<b>3.2 Ministérios para o serviço .....</b>	<b>51</b>
3.2.1 Os princípios neotestamentários do ministério cristão .....	52
3.2.2 Os ministérios cristãos no plano de Deus .....	53
3.2.3 Os ministérios: funções que abrangem toda a igreja .....	54

<b>3.3 Recursos para o serviço .....</b>	<b>55</b>
3.3.1 Os recursos obtidos através do dízimo .....	56
3.3.2 Recursos obtidos através de ofertas voluntárias .....	58
3.3.3 Bases teológicas da mordomia cristã.....	59
<b>IV – O CRESCIMENTO ATRAVÉS DO TESTEMUNHO – MARTIRIA</b>	<b>61</b>
<b>4.1 Testemunho através da santificação.....</b>	<b>62</b>
4.1.1 A natureza da santificação .....	63
4.1.2 As características de uma pessoa que busca a santificação .....	65
4.1.3 O caminho da santificação.....	66
<b>4.2 Testemunho através da pregação .....</b>	<b>67</b>
4.2.1 A base sólida da pregação .....	69
4.2.2 A aplicação: o princípio da atualização .....	71
4.2.3 A vida do pregador .....	72
<b>4.3 Testemunho através de missões .....</b>	<b>74</b>
4.3.1 Missões: tarefa da igreja local descrita na Bíblia .....	75
4.3.2 As estratégias missionárias para a igreja local .....	76
4.3.3 As possíveis causas da apatia da igreja quanto a sua tarefa missionária .....	77
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>79</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>82</b>

## INTRODUÇÃO

Falar sobre a igreja em um país como o Brasil, onde existe enorme liberdade religiosa, é tratar de um assunto corrente, que não é novidade. Fala-se muito sobre a igreja. Critica-se muito também! Até mesmo os meios de comunicação falam sobre esta instituição. E, entre os assuntos referentes à igreja, há um que se destaca e que provoca nas pessoas diferentes reações e, conseqüentemente, também diferentes respostas: o crescimento da igreja.

Fazer a igreja crescer é a preocupação de qualquer pastor. Não apenas isso: todo cristão verdadeiramente convertido vê a necessidade da igreja se expandir, já que Deus sempre esteve preocupado com a salvação do homem pecador, o que leva à conclusão de que Deus também deseja a expansão do Seu Reino, sendo a igreja, que é o Corpo de Cristo, o principal meio desta expansão. Esse desejo divino tem ocasionado nos dias atuais uma enorme preocupação de fazer a igreja crescer. Mas como fazer com que a igreja do presente século consiga este tão esperado crescimento quantitativo e qualitativo? – eis a grande questão!

Diante deste quadro, muitos autores e teólogos dos dias atuais têm andado preocupados, pesquisando e escrevendo sobre o tema “crescimento de igrejas”. Há muitas ideias e opiniões sobre o assunto, e algumas até divergem em alguns aspectos. Muitos métodos e modelos de crescimento têm sido desenvolvidos, buscando de alguma forma fazer a igreja crescer, fato que nem sempre se torna realidade.

O fato é que o assunto é extremamente importante, pois tem íntima ligação com evangelismo e trata do grande projeto de Cristo, ou seja, a igreja. Muito se fala nos dias atuais sobre a necessidade de evangelizar, porém tem-se muitas vezes a impressão de que a igreja tem contribuído pouco para esta grande missão. Também se tem falado muito sobre o modelo ideal de igreja. Estes assuntos tão polêmicos e tão discutidos têm gerado a ideia de se retratar algumas características essenciais da igreja, atingindo as duas áreas: o modelo de igreja da perspectiva divina, igreja esta que evangeliza e cresce.

O cerne da questão está em se entender o que a igreja é de fato. Por não compreenderem os princípios constituintes da igreja, teólogos elaboram modelos de crescimento, que muito mais incham a igreja do que a fazem crescer. Algumas definições simples e resumidas lançam luz sobre esta idéia.

O próprio termo igreja provém do vocábulo *ekklesia*, que a identifica como o povo de Deus, o povo a quem Deus chamou para junto dEle. Por ser o povo de Deus, chamado por Ele, a igreja precisa seguir os princípios estabelecidos pelo seu Rei, que serão estudados neste trabalho.

A igreja é também denominada como o *Corpo de Cristo*, do qual Cristo é a cabeça. Por ser corpo, entende-se que a igreja é um organismo vivo. Um organismo tem como principal atribuição o crescimento natural. Tendo as condições necessárias, o crescimento é consequência, ou seja, ocorre naturalmente.

Estas definições apontam para uma direção: *o que Deus espera da igreja?* Interessante que o foco aqui não é o que o homem acha que a igreja precisa ter ou ser, e sim Deus, o idealizador da mesma. Quando a igreja for o que Deus espera que ela seja, ela será igreja.

A história destaca as características da Igreja Primitiva. Acredita-se que ela foi plenamente igreja e, por isso, ela será o foco deste estudo. Com base no que ela foi traçar-se-ão os princípios necessários para que a igreja seja igreja de fato. Como um grupo de pessoas *comprometidas com Jesus Cristo e que vive para conhecer e obedecer ao Senhor e para levar outras pessoas a esta mesma relação*, a igreja precisa estar preocupada em realmente pôr em prática o que diz a sua definição, e isso só será possível se ela estiver preocupada em *estabelecer um modelo de liderança bíblico, uma edificação contagiante, um serviço eficiente e um testemunho exemplar*.

O crescimento nada mais é do que a consequência deste modo de agir. Não devido ao seu esforço próprio, mas porque esta será uma igreja que agrada a Deus e que é segundo a Sua vontade. Desta forma alcançará um crescimento que atingirá todas as áreas, ou seja, o crescimento biológico, numérico, espiritual, ministerial e geográfico, ocorrendo na igreja dos dias atuais algo parecido com o que ocorreu com a Igreja Primitiva.

Modelos de crescimento nada mais são do que preferências humanas. Podem e devem ser mudados segundo o contexto de cada igreja. Os modelos também são falhos, pois são propostos por seres humanos falhos. Todavia, princípios não mudam, pois foram estabelecidos por Deus. Quando são seguidos, asseguram a presença de Deus na igreja. Onde Deus está presente, Ele faz a obra acontecer! Mas onde Ele não está presente, nada acontece. Que pena que esta seja a realidade de muitas igrejas nos dias atuais: se o Espírito Santo fosse tirado das mesmas, elas continuariam fazendo o que fazem, nada mudaria. Por estarem tão

envolvidas com ideias humanas, não deixam Deus agir, ou até mesmo O põem para fora de Sua casa. Está mais do que na hora de a *IGREJA SER IGREJA!*

## I – O CRESCIMENTO ATRAVÉS DA LIDERANÇA – PROÍSTEMI

A liderança é fator fundamental em qualquer segmento da sociedade e um recurso amplamente usado na execução de tarefas. Nem todas as pessoas veem a liderança da mesma forma. Para alguns, “liderança é influência”; para outros, a “liderança é mobilizar outros em direção a um objetivo partilhado pelo líder e seus seguidores”. Há também os que, ao olharem para a liderança, focalizam a pessoa do líder, e por isso afirmam que “um líder cristão é alguém chamado por Deus para liderar; que lidera com um caráter plenamente semelhante ao de Cristo; e revela as aptidões funcionais que permitem uma liderança concretizar-se”.<sup>1</sup>

Outra definição de liderança afirma que ela “é o esforço de exercer conscientemente uma influência especial dentro de um grupo no sentido de levá-lo a atingir metas de permanente benefício que atendam as necessidades reais do grupo”.<sup>2</sup> Todas as definições apresentadas levam a um denominador comum: liderança é influência através do relacionamento.

Esta grande importância da liderança, bem como a realidade da igreja, que é formada de um relacionamento com Deus e relacionamentos interpessoais, não deixa dúvidas de que a liderança pode também ajudar a igreja no seu crescimento natural. Ao se analisar a história da igreja, percebe-se que uma das principais marcas de uma igreja que cresce é exatamente a sua liderança. O Novo Testamento destaca ainda mais esta importância pela grande variedade de textos que falam sobre o assunto e por denominar diversos líderes da Igreja Primitiva (At 21.18; Tt 1.5; Tg 5.14; 1Pe 5.1).

Em alguns momentos, os autores do Novo Testamento usaram um vocábulo comum para se referir aos líderes da igreja: *proi/sthmi* (proístemi). Este termo representa alguém que “*está colocado diante de* ou *por cima de*”. A pessoa denominada por este verbo tinha a função de guardar algo ou alguém, era responsável pelos seus subordinados, além de garantir a sua proteção. O termo era muito usado pelos navegadores para denominar o timoneiro, que guiava toda a embarcação.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> BARNA, G. Líderes em ação, p. 21-25.

<sup>2</sup> HAGGAI, J. Seja um líder de verdade, p. 20.

<sup>3</sup> COENEN, L. Bispo, presbítero, ancião. In: BROWN, C. (edit). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, v. 1, p. 301-311.

Mas geralmente os principais líderes da igreja são chamados pelo Novo Testamento de *presbíteros*, normalmente traduzido por anciãos, e/ou *bispos*, traduzindo a ideia de um pastor que apascenta o rebanho.<sup>4</sup>

O termo *presbítero* é usado pela primeira vez por Píndaro<sup>5</sup>, que com esta palavra destacava uma pessoa com mais idade, e conseqüentemente mais importante. Este substantivo era geralmente usado para pessoas com mais de cinquenta anos. Com o passar do tempo, o termo passou a designar uma posição ou uma dignidade (Platão). Desta forma, o termo descreve alguém que representa um determinado povo, bem como alguém que é conselheiro.

No Novo Testamento, o termo tem três sentidos: denomina os anciãos judaicos, os líderes da igreja cristã, e em doze momentos diferentes, menciona um grupo de 24 homens, no livro de Apocalipse.

Já o termo *bispo*, pela sua formação no original grego, traz consigo o seguinte significado: “atividade de olhar ou prestar atenção a uma pessoa ou coisa”, sendo aplicado geralmente aos deuses que vigiavam um país ou um povo. Na Septuaginta (LXX)<sup>6</sup> é empregado com o sentido de “procurar”, “investigar”, e se refere à vigilância amorosa de Deus e o Seu cuidado pela terra. No Novo Testamento, o termo está relacionado a homens que têm o dever de supervisionar, servir, cuidar com amor, sem o interesse de engrandecimento pessoal, características estas que podiam facilmente ser vistas em Cristo, que também foi denominado “*bispo*” (1Pe 2.25).<sup>7</sup>

O detalhe é que tanto o termo *presbítero* como o termo *bispo* se referem à mesma função. Isso fica claro pela forma intercambiável como são usados na Bíblia. Por exemplo: em Atos 20.17,28, Paulo fala aos líderes da igreja de Éfeso, chamando-os uma vez de presbíteros e outra de bispos. Este mesmo fato ocorre ainda em outras passagens: 1Pe 5.1-2, Tt 1.5-9, Fl 1.1.<sup>8</sup>

<sup>4</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p. 376-377.

<sup>5</sup> PÍNDARO foi um grande poeta e cantor grego entre os anos 520 a.C.-438 a.C. Cantava “a felicidade, a riqueza”, defendia “a ordem pública” e admitia “a vida futura”. Foi considerado o maior dos líricos gregos. PÍNDARO. In: BRITANNICA, E. (edit). Enciclopédia Barsa, p. 304, v. 12.

<sup>6</sup> SEPTUAGINTA (LXX) – tradução da Bíblia do hebraico para o grego, realizada em Alexandria. Recebeu este nome devido ao número de ancião tradutores envolvidos no trabalho: 70. VERSÕES e traduções da Bíblia. In: YOUNGBLOOD, R. F. Dicionário ilustrado da Bíblia, p. 224

<sup>7</sup> COENEN, L. Bispo, presbítero, ancião. In: BROWN, C. (edit). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, v. 1, p. 301-311.

<sup>8</sup> SEVERA, Z. A. *Op. Cit.*, p. 376-377.

O Novo Testamento ainda usa outro termo para se referir aos líderes da igreja: *diáconos*. Sua principal função é servir “na igreja em áreas de relevância para a vida do povo, mas não diretamente do ministério pastoral.” Os diáconos, através de seu trabalho, liberam os pastores para exercerem seu ministério, não os deixando preocupados com coisas secundárias.<sup>9</sup> Este termo vem do grego clássico, tendo o sentido de: “servir à mesa... cuidar das necessidades do lar..., servir de modo geral”. A principal ideia relacionada ao termo é a de um garçom.

O termo diácono aparece 29 vezes no Novo Testamento com o sentido principal de *cuidar de*. Este cuidado está intimamente ligado ao anúncio da Palavra de Deus. Novamente em Jesus se tem a imagem completa do que representa esta diaconia: uma entrega total pelos outros.<sup>10</sup>

Há ainda o termo pastor (*poimen*), grandemente usado para identificar o líder na igreja dos dias atuais, mas que não aparece diretamente relacionado à liderança da igreja no Novo Testamento. Provavelmente tem se dado preferência a este título pelo fato de: “a igreja ser chamada de *rebanho*,” devido “a função de *apascentar* dos presbíteros e bispos,” também porque Cristo foi apresentado como um *pastor* e ainda por causa da “ideia de pastores do povo de Deus no Antigo Testamento”.<sup>11</sup>

Na verdade, a igreja tem, na mesma pessoa de seu líder, um presbítero, um bispo e um pastor. *Presbítero* é aquele que preside, governa; *bispo* quer dizer supervisor de obras; *pastor* é aquele que apascenta. A igreja, como *povo* ou assembleia, precisa de um presbítero que a presida; como um grupo de *servos* do Senhor, a igreja precisa de um bispo que supervisione os trabalhadores e a obra; como *ovelhas* de Cristo, a igreja necessita de um pastor para apascentar.<sup>12</sup>

Ao se verificar os diversos termos usados pela Bíblia, bem como a enorme quantidade de vezes que estes termos são citados, percebe-se a importância que a liderança tinha e tem para a igreja. Porém, não basta ter líderes! Eles precisam seguir o padrão de liderança que a própria Bíblia descreve, baseada numa visão que vem de Deus, numa atitude de servo e num envolvimento de todo o grupo.<sup>13</sup>

<sup>9</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p. 380-381.

<sup>10</sup> HESS, K. Servir, diácono, adoração. In: BROWN, C. (edit). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, v. 4, p. 448-453.

<sup>11</sup> SEVERA, Z. A. *Op. Cit.*, p. 376-377.

<sup>12</sup> *Ibidim*, p. 377.

<sup>13</sup> SCHWARZ, C. A. O desenvolvimento natural da igreja, p. 22.

## 1.1 Liderança Visionária

Uma das principais figuras usadas para representar a igreja é o corpo, devido à qual a igreja é chamada de “*Corpo de Cristo*”. “Esta figura salienta que a igreja é agora o centro da atividade de Cristo”, através do qual Ele realiza Seu ministério. Devido a esta figura, pode-se atribuir características que distinguem a igreja, sendo a principal delas a que demonstra quem é o comandante da mesma, ou seja, Cristo que é a *cabeça* deste corpo.

É através da Cabeça, que é Cristo, que os crentes unidos a Ele são alimentados e são governados. Cristo é o Senhor da igreja e é Ele quem deve guiá-la e controlá-la segundo a Sua vontade.<sup>14</sup> Por isso é tão importante que os líderes da igreja, que foram instituídos por Cristo para estarem à frente de Seu povo, sejam líderes visionários, porém, neste caso, o que menos interessa é a sua própria visão, mas, sim, torna-se indispensável que o líder saiba a visão que Cristo tem para a Sua igreja.<sup>15</sup>

### 1.1.1 O que é visão?

Barna, ao abordar o assunto, afirma que “é um estado mental claro de um futuro preferível, comunicado por Deus a seus servos-líderes escolhidos, baseado num entendimento real de Deus, de si mesmo e das circunstâncias.”<sup>16</sup> Já o pastor Carlito Paes declara que “a visão é, para o líder, uma imagem clara de si mesmo e do grupo em relação ao que fazem e aquilo que podem se tornar. Pode ser chamada de projeto das coisas que virão.”<sup>17</sup>

“Visão é, em última análise, o que Deus dá e coloca em nossa mente e em nosso coração. É uma expectativa apaixonante do futuro pela qual estaremos dispostos até mesmo a morrer.”<sup>18</sup> “É o vislumbrar do tipo de mundo que Deus deseja que vivamos, um mundo em que ele pode criar por meio de nós, se todos a quem ele chamou como líderes cumprirem o seu chamado de acordo com a direção dada por seu Espírito.”<sup>19</sup>

A visão é a parte essencial na vida do líder. Ela “lidera o líder”. Faz o líder vislumbrar o futuro, olhar para frente. Ela motiva os seguidores a se juntarem ao líder para atingir os

<sup>14</sup> ERICKSON, M. Introdução à teologia sistemática, p. 441.

<sup>15</sup> BARNA, G. Líderes em ação, p. 49-63.

<sup>16</sup> *Ibidim*, p. 49-63.

<sup>17</sup> ORR, R. A. Liderança que realiza, p. 103-105.

<sup>18</sup> PAES, C. Igrejas que prevalecem, p. 59-65.

<sup>19</sup> *Ibidim*, p. 59-65.

propósitos expostos. Um líder sem visão é um líder que apenas anda em círculos e que nunca chega a algum lugar.<sup>20</sup>

Esta visão precisa ser clara, através da qual o líder consegue enxergar o que precisa ser realizado. Isso muitas vezes sem ter nada concreto em suas mãos. Não há dúvidas de que a visão precisa vir de Deus, pois Sua visão é perfeita (e não equivocada e falha como a dos seres humanos) e somente Ele sabe o que é melhor para o seu povo. Salomão, em sua imensa sabedoria, destaca a importância da visão de Deus para a nação (Pv 29.18). Além disso, seguir a visão dada por Deus é garantir que o empreendimento será abençoado por Ele.<sup>21</sup>

Também é importante que o líder tenha a visão de Deus pelo fato de só Deus conhecer as habilidades e capacidades plenas que o líder possui. Muitos líderes usam apenas o mínimo de seu potencial pelo simples fato de não se preocuparem em saber qual a visão que Deus tem para o seu trabalho. Desta forma, visão de Deus é mais trabalho com mais qualidade!<sup>22</sup>

Deve-se dar atenção para o fato de não confundir *Visão* com *Missão*. Visão é o que se quer ser, são os objetivos, alvos que se deseja alcançar. Missão é o que se vai fazer para alcançar os objetivos propostos. Não pode haver missão sem visão. Isso ressalta ainda mais a importância da visão, pois se ela estiver incorreta, todo o trabalho e esforço da igreja (missão) será em vão.<sup>23</sup> É interessante destacar algumas características da visão que provém de Deus.

### 1.1.2 O caráter da visão de Deus

A visão de Deus é *inspiradora*, pois através dela Deus demonstra ao ser humano o que Ele quer realizar no mundo, sendo isso grande fonte de inspiração, pois faz o ser humano se sentir útil e pode garantir o sucesso do que será realizado. A visão de Deus também *modifica*, ou seja, transforma. Deus, que ama a diversidade, quer que a Sua igreja cresça em todos os aspectos, e isso é transformação!

Mas saber o que Deus deseja também é um enorme *desafio*, pois a tarefa de Deus para o Seu povo é procurar tornar o impossível possível. Estas tarefas têm sempre o tamanho de Deus. A visão de Deus também *capacita* o ser humano a servir o seu próximo, pois se serve a Deus

---

<sup>20</sup> MAXWELL, J. As 21 indispensáveis qualidades de um líder, p. 134-137.

<sup>21</sup> BARNA, G. Líderes em ação, p. 49-63.

<sup>22</sup> MAXWELL, J. *Op. Cit.*, p. 134-137.

<sup>23</sup> PAES, C. Igrejas que prevalecem, p. 59-65.

servindo ao próximo. Em Sua visão, Deus também oferece ao ser humano *todos os detalhes* necessários para o bom andamento do ministério.

Os projetos de Deus são também projetos a *longo prazo*, e que muitas vezes sobreviverão ao líder. Esta ideia traz também a certeza de constância da visão de Deus, que não muda a cada mês. O que Deus planejou desde o princípio será realizado. Ela também é *bem pessoal*, pois Deus dá a cada líder uma visão de ministério que se encaixe perfeitamente com a sua personalidade e habilidades. Desta forma, entende-se que a visão de Deus para uma igreja não pode ser simplesmente copiada por outra, pois para esta a Sua visão é diferente.<sup>24</sup> Não há dúvidas de que a visão de Deus também traz o melhor para o Seu povo.

### 1.1.3 Os resultados da visão

A visão dada por Deus ao líder “*fornece foco e direção para o ministério*”, que leva as pessoas para o caminho que glorifica a Deus. Com a direção de Deus as pessoas sabem por que estão trabalhando e conseguem perceber a importância e a grandeza deste trabalho. Além disso, a visão também “*motiva as pessoas*”, porque elas passam a se sentir úteis na obra do Senhor. Desta forma, diversos dons que se encontram adormecidos são despertados e pessoas que estavam sem ter o que fazer conseguem contribuir para o Reino de Deus.

A visão também “*unifica*”, pois as pessoas se juntam para alcançar propósitos em comum. Ela “*mede o progresso*”, pois aponta para o alvo e o objetivo que o grupo deverá alcançar, permitindo desta forma que se avalie o que o grupo está produzindo durante o processo, verificando se está mais próximo ou mais distante do que foi estabelecido.

“*Ajuda na tomada de decisões*” também é um benefício que a visão traz para a igreja, pois aponta para o objetivo, indicando o que é coerente, o que realmente conduzirá o grupo para o alvo estabelecido.<sup>25</sup>

Estes resultados são de suma importância para a igreja. Cabe a ela e a seus líderes procurarem saber cada vez mais quais são os propósitos de Deus para o Seu povo. Isso implica desenvolver esta visão dada por Deus.

---

<sup>24</sup> BARNÁ, G. *O poder da visão*, p. 103-112.

<sup>25</sup> LAWRENCE, B. *Autoridade pastoral*, p. 176-177.

### 1.1.4 O desenvolvimento da visão

Há vários princípios que devem ser adotados pelo líder que verdadeiramente busca saber a visão de Deus. Um deles é a *oração*, através da qual o líder demonstra a sua dependência de Deus. Depender de Deus é o ponto chave para a liderança eficaz! O principal objetivo do líder é agir conforme a vontade do Senhor, por isso não são os seus sonhos, os seus projetos, as suas aspirações ou as de outras pessoas, que serão colocados em prática, mas o que Deus deseja, o que torna a oração necessária antes, durante e depois do desenvolvimento da visão.

A *Bíblia* também é uma ferramenta importantíssima para o desenvolvimento da visão do líder. Através dela, Deus dá suas orientações diretas aos que estão à frente de Sua obra. Também é importante que o líder avalie o que está *acontecendo na igreja*, pois Deus fala através do Seu povo.

A própria *vida do líder* deve ser levada em conta, pois fornece informações importantes para o desenvolvimento da visão,<sup>26</sup> uma vez que Deus planejou o ser humano e o capacitou com habilidades especiais para vencer certos desafios em sua vida. Saber quais são estas habilidades dá clareza de que os desafios que se levantam são uma indicação de que esta é a vontade do Senhor.<sup>27</sup> Acima de tudo, para que os líderes tenham a visão de Deus, seu *foco deve ser Deus*, olhando para quem Ele é e para o que Ele quer e pode fazer.<sup>28</sup>

Não há dúvidas de que “o líder precisa ter visão dos objetivos e dos porquês dos mesmos. Não basta ter visão de fatos simplesmente. Um líder com visão leva a sua equipe a atingir cada vez mais os objetivos e ao maturamento como grupo.”<sup>29</sup> Além disso, deve-se esclarecer que a visão só será proveitosa a partir do momento em que o líder procurar colocá-la em prática.<sup>30</sup>

Quando um líder tem a visão de Deus, suas ações visarão sempre a glorificação de Deus, “refletida em seu Reino e em sua Justiça”. Já quando é o líder que recebe a glória, pode-se ter certeza de que a visão de Deus foi deixada de lado!<sup>31</sup>

Deixar faltar a visão de Deus numa igreja é fazer com que a mesma fique estagnada ou então presa ao ativismo, com uma pesada rotina de trabalho, a qual, porém, não traz benefícios para

<sup>26</sup> LAWRENCE, B. *Autoridade pastoral*, p. 181-184.

<sup>27</sup> BARNA, G. *O poder da visão*, p. 88.

<sup>28</sup> LAWRENCE, B. *Op. Cit.*, p. 181-184.

<sup>29</sup> DUSILEK, N. *Liderança cristã: a arte de crescer com as pessoas*, p. 63.

<sup>30</sup> BARNA, G. *Líderes em ação*, p. 49-63.

<sup>31</sup> SHEDD, R. P. *O líder que Deus usa*, p. 67-68.

a obra de Deus, pois está voltada para os anseios dos homens. Além disso, a falta de visão dos líderes da igreja também é um dos principais fatores que fazem com que haja muita troca de pastores em determinadas igrejas, pois os servos do Senhor, geralmente, estão querendo fazer o que é da vontade de Deus, e por não conseguirem, buscam novas oportunidades.<sup>32</sup>

A Igreja Primitiva era, acima de tudo, uma igreja com uma visão bem clara dos projetos e da vontade de Deus, principalmente pelo fato de seus líderes estarem sempre preocupados em saber e seguir as recomendações de Cristo. Isso fica evidente no texto de Atos 13.2, onde a igreja aparece reunida, orando, jejuando, buscando a presença de Deus, e, neste momento, o Espírito Santo comissiona Barnabé e Saulo. A igreja, que estava sensível ao agir de Deus, responde positivamente. Desta ação, direcionada por Deus, inúmeras vidas são ganhas para o Senhor e conseqüentemente há um grande crescimento da igreja, porque a liderança e a igreja aceitaram a visão de Deus.<sup>33</sup> Mas não basta ter uma liderança que saiba o que Deus quer, se ela não põe em prática este propósito. A liderança visionária precisa também servir.

## 1.2 Liderança Servil

Por ser vista como o “Corpo de Cristo”, a igreja deve estar sujeita ao seu governo, seguindo fielmente tudo o que o seu Mestre mandar.<sup>34</sup> Não há dúvidas de que este princípio também se aplica à forma de liderança que se deve desenvolver na igreja. Jesus, como o Grande Líder, via a liderança como um serviço, e por isso Ele é considerado um legítimo exemplo de Líder-servo.

Cristo sempre nos ensinou que somos seus instrumentos para ajudar nossos seguidores a se libertarem da sujeira do pecado em suas vidas. Não usamos outros para nosso benefício; em vez disso, servimos, lavando-os por meio da Palavra de Deus e do Espírito de Deus para fazerem o que ele deseja. Isso é liderança servil, ou seja, envolver-se com os pés sujos de seus seguidores para que possam andar com maior liberdade nele.<sup>35</sup>

Tudo o que Jesus fazia estava a serviço de Sua missão: ser o Messias, o que correspondia à vontade do Pai (Jo 6.38). E como Líder-servo, Jesus tinha um modo de agir bem característico:<sup>36</sup>

1. Jesus se humilhou e permitiu que Deus o exaltasse.

---

<sup>32</sup> PAES, C. Igrejas que prevalecem, p. 59-65.

<sup>33</sup> STOTT, J. R. W. A mensagem de Atos, p. 241-244.

<sup>34</sup> SEVERA, Z. A. Manual de teologia sistemática, p. 357.

<sup>35</sup> LAWRENCE, B. Autoridade pastoral, p. 99.

<sup>36</sup> WILKES, C. G. O último degrau da liderança, p. 15-23.

2. Jesus obedeceu à vontade do Pai em vez de almejar uma posição.
3. Jesus definiu o que é alcançar a grandeza sendo servo e como ser o primeiro tornando-se escravo.
4. Jesus arriscou-se a servir os outros por confiar que era o Filho de Deus.
5. Jesus abandonou seu lugar na mesa principal para servir às necessidades de outros.
6. Jesus compartilhou responsabilidade e autoridade com aqueles a quem chamou para liderar.
7. Jesus formou uma equipe para pôr em prática uma visão para o mundo inteiro.<sup>37</sup>

Não há dúvidas de que a liderança servil seja um enorme desafio para o líder, pois exige caminhar ao lado de quem se está liderando, exige um profundo e real relacionamento, características plenamente demonstradas por Jesus para com seus seguidores.<sup>38</sup>

A liderança servil também foi uma marca dos líderes da Igreja Primitiva, e por serem os exemplos, com certeza foi também uma das principais marcas da igreja. O apóstolo Paulo, o principal dos líderes, em suas cartas se autodenomina servo de Jesus Cristo, o que no contexto romano era algo inadmissível. Mas não há dúvidas de que o grande crescimento da Igreja Primitiva também esteja relacionado à forma como os líderes se viam: como servos!<sup>39</sup>

### 1.2.1 O que significa ser servo?

No Antigo Testamento, usa-se o termo hebraico *ebed* para se referir a um servo. Esta palavra é geralmente traduzida por escravo, criado, servo do templo e trabalhador assalariado. A ideia que subjaz à palavra é descrever uma pessoa que se tornou propriedade de outra pessoa. Mas isso não significa que ela não tenha direitos! Este servo dependia de seu senhor, principalmente no que se refere à proteção. Em troca, ele defendia os interesses de seu superior. Num sentido amplo, percebe-se no Antigo Testamento que todos os fiéis de Israel são chamados por Deus de Seus servos.

Já o Novo Testamento usa duas palavras distintas: *doulos* (escravo) e *pais* (criança, criado, filho). Estes termos têm em si a ideia de alguém, que mediante um pacto, se submete a um senhor. Destaca-se que nesta parte da Bíblia o servo não faz parte de Israel, mas de todo o povo de Deus.

Unindo a ideia dos dois Testamentos, pode-se chegar à conclusão de que um servo é alguém que, mediante um pacto, age como se não existisse, fazendo apenas o que o seu senhor

<sup>37</sup> WILKES, C. G. O último degrau da liderança, p. 23-24.

<sup>38</sup> LAWRENCE, B. Autoridade pastoral, p. 97-110.

<sup>39</sup> WIERSBE, W. W. Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento, v. 1, p. 668.

mandar, recebendo proteção e se tornando parte do povo de seu senhor.<sup>40</sup> Este servo precisa ter um modo característico de viver que o distinga das demais pessoas!

### 1.2.2 As características fundamentais do servo

Charles Spurgeon “não via os líderes da igreja como pessoas isentas do chamado para servir. Ao contrário, achava que os ministros devem ser mais abnegados do que o restante dos irmãos”, pois ocupam lugar de destaque na igreja e são vistos por todos, o que faz deles um modelo, um exemplo a ser seguido. Por este motivo, o líder cristão precisa apresentar características que o identifiquem como servo.

Uma das características de um servo é a *abnegação*. Ele tem consciência de que tudo o que possui, desde bens materiais até dons espirituais, tudo pertence ao Senhor e deve ser dedicado a Ele. Um servo também precisa ser uma pessoa *bondosa*. Spurgeon, ao falar da bondade, afirma que:<sup>41</sup>

Se há uma virtude que honra os cristãos, essa virtude é a bondade; significa amar o povo de Deus, amar a igreja, amar os pobres pecadores, amar a todos. [...] Imite a Cristo no espírito de amor que você tem; fale com amabilidade, aja com amabilidade e pense com amabilidade, a fim de que os homens possam dizer a seu respeito: “Ele esteve com Jesus”.<sup>42</sup>

Um coração *humilde* também faz parte das características do servo. Um servo precisa reconhecer as suas limitações. É através de pessoas assim, que realmente sabem quem são, que Deus age. Ser humilde é buscar a glória de Deus, não a do ser humano.<sup>43</sup> Num servo também se elogia a sua *disposição*, através da qual, não importando o momento, ele sempre está disposto a ouvir e atender o seu próximo. As outras pessoas ocupam lugar de destaque em sua agenda. Até mesmo tarefas que não lhe são obrigatórias são realizadas por ele.

Um servo também deve ser *diligente e sincero*. Sobre a diligência que o servo deve ter, Spurgeon comenta o seguinte:<sup>44</sup>

Jamais devemos pensar que, devido à tarefa a ser executada parecer insignificante, não podemos nem devemos fazê-la com esmero. Precisamos da ajuda divina para pregar adequadamente mesmo que seja a uma só pessoa. Se algo é digno de ser feito, deve ser bem feito. [...] Conheçam seu trabalho, observem-no atentamente, pondo nele seu coração e sua alma; pois,

<sup>40</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, v. 6, p. 177.

<sup>41</sup> MILLER, S. *Liderança espiritual segundo Spurgeon*, p. 71-78.

<sup>42</sup> *Ibidem*, p. 79.

<sup>43</sup> HAGGAI, J. *Seja um líder de verdade*, p. 93-100.

<sup>44</sup> MILLER, S. *Op. Cit.*, p. 79-87.

seja grande ou pequeno, haverá de honrar a Deus por toda a eternidade, se forem achados fiéis nele.<sup>45</sup>

As ações falam mais do que mil palavras. Por isso, não adianta nada o líder cristão declarar: “sou um servo”, enquanto as suas atitudes demonstram exatamente o contrário. Ele pode até ter características de servo, mas, se a sua forma de agir for autoritarista, jamais será um servo autêntico!

### 1.2.3 As atitudes de um líder-servo

Para muitos, a ideia de servir e liderar ao mesmo tempo parece contraditória. Porém, ao se analisar o modelo de liderança empregado por Jesus, percebe-se nele uma plena harmonia entre estes dois conceitos, porque Jesus se tornou servo de Sua Missão, e ao mesmo tempo serviu e liderou as demais pessoas envolvidas nesta Missão. Esta deve ser a atitude da pessoa que quer se tornar um líder-servo.

Destaca-se que esta disposição de servo na vida do líder precisa começar em seu coração.<sup>46</sup> Martin Luther King Jr. destaca esta ideia com a seguinte afirmação: “Você não precisa ter um diploma de faculdade para servir. Não é fundamental conhecer a lei da termodinâmica na física para servir. Só precisa ter um coração generoso e uma alma movida pelo amor”.<sup>47</sup> Jamais um líder arrogante conseguirá ter uma atitude de servo. Tendo um coração de servo, o líder demonstrará em sua liderança atitudes características desta disposição.

Uma das atitudes é a total *submissão do seu coração*. Sua vida é uma vida de plena humilhação diante de Deus. Líderes-servos não se exaltam, mas deixam que Deus, no momento certo os exalte. Isso faz com que eles não assumam o lugar que pertence a Deus em Sua obra. Há uma enorme necessidade de o líder se submeter a Deus, pois jamais conseguirá ser um líder-servo se não for primeiro um “servo do Líder”.

Líderes-servos são *primeiramente seguidores*. Não estão preocupados em alcançar posições, em aparecer, mas em seguir a Jesus em tudo o que Ele mandar. Consideram-se completamente iguais às outras pessoas, sem distinções. Além disso, estes líderes têm grande facilidade de perceber a *grandeza do serviço* que está confiado em suas mãos, e, por isso, deixam tudo de lado, até mesmo seus próprios direitos, dando muito mais valor ao que as pessoas à sua volta necessitam.

<sup>45</sup> MILLER, S. *Liderança espiritual segundo Spurgeon*, p. 87.

<sup>46</sup> WILKES, C. G. *O último degrau da liderança*, p. 34-41.

<sup>47</sup> *Apud* HUNTER, J. C. *Como se tornar um líder servidor*, p. 43.

Líderes-servos são aqueles que *pegam a toalha*, ou seja, demonstram seu amor de todas as formas possíveis para com todas as pessoas que os cercam, mesmo que para isso devam tomar atitudes que pareçam humilhantes. Eles também não veem problema em *compartilhar responsabilidade e autoridade*, pois têm consciência de que a tarefa é grande demais para as suas poucas habilidades. Em momento algum se importam ou têm medo de que outra pessoa assuma o seu lugar.

São também *formadores de equipes*. Gostam de delegar, de trabalhar em grupo, de dividir as tarefas.<sup>48</sup> Também estão *dispostos a começar com pouco*, não importa a função, nem a projeção que isso lhes dará, pois importa estar fazendo algo. Além disso, conseguem *tirar o máximo dos seus erros*. Não que seus erros sejam benéficos, mas o grande detalhe é que aprendem com os mesmos. Eles têm coragem de admiti-los, e ao mesmo tempo conseguem tirar grandes lições, evitando que os mesmos ocorram novamente no futuro.

Em todos os seus empreendimentos, os líderes-servos *dão sempre todo o crédito a Deus*. Sabem que nada são e que só porque Deus age através deles é que tudo o que foi realizado pôde se tornar realidade.<sup>49</sup> Spurgeon, ao se referir sobre esta característica do verdadeiro líder cristão, afirma que

devemos agir de tal modo, que, quando a história de nossa vida estiver escrita, quem quer que a leia não pense em homens que venceram por esforço próprio, mas graças aos frutos do trabalho manual de Deus, nos quais sua graça foi exaltada. Que não enxerguem em nós o barro, mas a mão do Oleiro. Disseram de alguém: “Um excelente pregador”. Mas de outro falaram: “Nunca demos atenção a como ele prega, mas sempre sentimos que o Senhor é grande”. Queremos que toda a nossa vida seja um sacrifício, um altar de incenso a exalar perfume continuamente para o Altíssimo.<sup>50</sup>

Um líder-servo também exerce *autoridade*, sem ser autoritário.<sup>51</sup> Autoridade é “a habilidade de levar as pessoas a fazerem de *boa vontade* o que você quer por causa da sua influência pessoal”.<sup>52</sup> Muitos líderes têm medo de assumir autoridade por não a verem com bons olhos, ou seja, têm uma definição errada sobre o que ela é. Para eles, não há como ser servo e ter autoridade ao mesmo tempo. Mas basta olhar para a Escritura para se perceber como os líderes lá relatados (Paulo, por exemplo) não tinham a menor dúvida de sua autoridade. O

---

<sup>48</sup> WILKES, C. G. *O último degrau da liderança*, p. 34-41.

<sup>49</sup> MILLER, S. *Liderança espiritual segundo Spurgeon*, p. 88-90.

<sup>50</sup> *Apud Ibidem*, p. 90.

<sup>51</sup> LAWRENCE, B. *Autoridade pastoral*, p. 97-110.

<sup>52</sup> HUNTER, J. C. *O monge e o executivo*, p. 26.

grande detalhe é que tinham também plena consciência da fonte de sua autoridade: ela não vinha deles mesmos, mas de Deus.<sup>53</sup>

Outra atitude de um líder servo é o *sacrifício que faz pelos outros*. Não há como servir sem se sacrificar. Isso implica reconhecer e agir em prol das necessidades que as outras pessoas, que estão em volta do líder, possuem. Além disso, um líder-servo também é reconhecido pela sua capacidade de *perdoar*. Não tem vergonha de pedir desculpas quando erra, e, ao mesmo tempo, está sempre disposto a oferecer uma segunda chance aos que falharam. Isso só é possível quando o líder realmente ama seus liderados.<sup>54</sup>

Servir é um mandamento dado a todos os cristãos, mas principalmente aos líderes, pois se encontram em posição de destaque e servem de exemplo para muitos. Quando a visão de Deus é conciliada com muito trabalho, a obra de Deus produz grandes frutos. Destaca-se a expressão *muito trabalho*. É tanto que ultrapassa a capacidade do líder, por mais servo que seja. Por isso, é importante dividir tarefas!

### 1.3 Liderança delegatória

“Uma definição de liderança é ‘a habilidade de reconhecer as habilidades especiais e as limitações dos outros, combinada com a capacidade de colocar cada pessoa no trabalho em que ela renderá o melhor possível.’”<sup>55</sup> Esta deve ser uma das principais características da liderança na igreja, visto que o trabalho a ser realizado é sobremaneira grande. A liderança da igreja dos dias atuais precisa ter a visão de Dwight L. Moody, que disse que “preferia colocar mil homens a trabalhar do que fazer o trabalho de mil homens”.

Mas a tarefa de delegar tem sido muitas vezes negligenciada devido ao medo que muitos líderes têm de perder o seu posto. Geralmente este medo é justificado pela frase: “este trabalho realizado por outra pessoa não terá a mesma qualidade.” Isso evidencia a falta de visão deste líder, bem como seu orgulho. Líderes com esta mentalidade não percebem que, sozinhos, não conseguirão cumprir plenamente a tarefa.<sup>56</sup>

Outros líderes não delegam tarefas por desejarem ter segurança em seu emprego. Acreditam que, se outra pessoa assumir seu lugar, eles se tornarão dispensáveis. Há também relutância

---

<sup>53</sup> HUNTER, J. C. *O monge e o executivo*, p. 97-110.

<sup>54</sup> *Idem*. *Como se tornar um líder servidor*, p. 47-50.

<sup>55</sup> SANDERS, J. O. *Liderança espiritual*, p. 123.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 123-127.

em delegar tarefas devido às mudanças que esta atitude traz para o grupo. Pessoas novas no trabalho representam novas ideias, e a tudo o que é novo o ser humano reage com desconfiança. Mas há também líderes que não delegam tarefas por terem falta de autoestima, uma vez que seu valor está baseado no que fazem e não no que são.<sup>57</sup>

Delegar tarefas traz grandes vantagens para o Reino de Deus, mas também para a própria liderança. Entre estas vantagens pode-se citar: a concentração do líder nos “aspectos mais elevados, e nas maiores responsabilidades de seu cargo”; o descobrimento de diversos dons que muitas vezes estão escondidos no meio do povo; aumento de seguidores, pois ao se sentirem úteis, as pessoas passam a estar ao lado do seu líder; providência de liderança para o futuro;<sup>58</sup> distribuição das cargas entre os diferentes componentes do grupo e maior potencial criativo, principalmente diante das dificuldades.<sup>59</sup>

Cabe ao líder reconhecer as suas próprias limitações e entregar às mãos de outras pessoas capazes o que ele não consegue realizar.<sup>60</sup> Quando o líder delega poder, está formando uma *equipe*<sup>61</sup>, que funciona como um enorme cabo formado com muitos fios, que juntos se movem como se fossem apenas um (um propósito, objetivo), mas com força de muitos.<sup>62</sup>

Esta ideia está plenamente de acordo com a visão que Paulo tinha pelas qual plantou igrejas. Ao retornar da primeira viagem missionária, ele passou pelas igrejas fundadas para “encorajar os convertidos *a permanecerem firmes na fé*”, bem como promover a eleição de presbíteros em cada local. Seu método com certeza foi baseado no trabalho em equipe, o que implicava na delegação de poder e responsabilidades.<sup>63</sup>

Porém, não basta ser simplesmente uma equipe para se atingir grandes resultados, mas há a necessidade de um grande dinamismo dentro do grupo para que ela atinja seus objetivos.<sup>64</sup>

### 1.3.1 As características de uma equipe dinâmica

O texto bíblico de Josué 1.16-18 demonstra com grande clareza algumas características de uma equipe dinâmica. Uma destas características é a sua *união*.

<sup>57</sup> MAXWELL, J. C. As 21 irrefutáveis leis da liderança, p. 142-143.

<sup>58</sup> SANDERS, J. O. Liderança espiritual, p. 123-127.

<sup>59</sup> JUTILA, C. Quatro princípios fundamentais para líderes de ministério infantil, p. 139-143.

<sup>60</sup> SANDERS, J. O. *Op. Cit.*, p. 123-127.

<sup>61</sup> EQUIPE: conjunto de pessoas que se dedicam à realização de um mesmo trabalho. KOOGAN, A.; HOUAISS, A. Enciclopédia e dicionário digital, CD-ROM.

<sup>62</sup> JUTILA, C. *Op. Cit.*, p. 139-143.

<sup>63</sup> STOTT, J. R. W. A mensagem de Atos, p. 262.

<sup>64</sup> JUTILA, C. *Op. Cit.*, p. 139-143.

Podemos ser de diferentes culturas, ter gostos diferentes, viver sob diferentes regras internacionais e expressar personalidades tremendamente diferentes, mas porque somos todos afinados “com o mesmo tom” – o Espírito de Cristo em nós – temos unidade nele.<sup>65</sup>

Esta unidade que o próprio Espírito Santo produz é essencial para o bom andamento de uma equipe. Mas o ser humano é co-participante desta união, sendo que cabe a ele buscar um real e profundo relacionamento com os demais membros do grupo, o que irá fortalecer a união.

Uma equipe dinâmica precisa ser também *flexível para atender necessidades que mudam constantemente*. Estas mudanças geralmente são provocadas por dificuldades e problemas que surgem sem serem previstos. Diante destes imprevistos, a equipe precisa ser flexível o bastante para encontrar soluções para o problema.

A *concentração* também é uma característica marcante de uma equipe dinâmica. Isso implica ter um alvo traçado, com objetivos claros, o qual conduz o grupo para o propósito estabelecido, procurando de todas as formas evitar desvios no trajeto, o que representa perda de recursos e de tempo. Além disso, numa equipe dinâmica as pessoas *valorizam umas às outras*. Demonstração de lealdade e confiabilidade são essenciais quando realmente se valoriza o próximo.<sup>66</sup>

Delegar tarefas traz muitas vantagens para a obra de Deus, mas além de benefícios há também implicações das quais o líder cristão precisa estar ciente.

### 1.3.2 As implicações de delegar

Distribuir tarefas não é simplesmente mandar outra pessoa fazer o serviço, mas requer dar a ela as condições necessárias para o cumprimento de sua tarefa. Isso traz sérias implicações tanto para a vida do líder como também para o liderado com que se está compartilhando a tarefa.<sup>67</sup>

Entre as implicações, destaca-se a entrega e o recebimento de *responsabilidade*. O líder precisa passar a responsabilidade da tarefa às mãos de outro. Se ela permanecer nas mãos do líder, ele não terá o direito de fazer cobranças sobre a execução do trabalho. Ao mesmo tempo, enquanto o liderado não sentir o peso da responsabilidade sobre seus ombros, seu nível de comprometimento será apenas mínimo, pois outro responde por ele.

---

<sup>65</sup> JUTILA, C. Quatro princípios fundamentais para líderes de ministério infantil, p. 144-151.

<sup>66</sup> *Ibidim*, p. 144-151.

<sup>67</sup> SCHWARZ, C. A. O desenvolvimento natural da igreja, p. 22.

O receber e passar responsabilidade leva a outro ponto: o passar e ter *confiança*. Nenhum líder vai compartilhar a liderança com pessoas nas quais ele não pode confiar. Diante disso, ter uma vida íntegra é essencial e indica o grau de confiança que o líder terá.

Outra grande implicação que a arte de delegar traz consigo é passar *autoridade*. O liderado não deve ser visto como um fantoche humano usado da forma como o líder bem entender, mas deve ser visto com um olhar de igualdade, pois tanto ele como o líder estão envolvidos num mesmo projeto, apenas com funções diferentes. Esta autoridade dará ao liderado poder para tomar as decisões necessárias, realizar o projeto conforme as suas ideias, deixando-o expressar a sua criatividade.<sup>68</sup>

Lamentavelmente o que tem ocorrido muito, principalmente no que se refere ao passar autoridade, é o que pode ser chamado de delegação suja, que nada mais é do que apenas uma aparente delegação. Nela, o líder fica vigiando constantemente o encarregado pela tarefa, ordenando-lhe a forma como deve executá-la, rejeitando a criatividade do liderado. O ato de delegar envolve confiança e tempo para esclarecer o que precisa ser feito, não importando como será feito, pois isso cabe à criatividade do liderado. O que importa é que o objetivo seja alcançado. Mas este princípio muitas vezes tem sido rejeitado.<sup>69</sup>

Quando há uma real delegação de poder a outras pessoas, constitui-se uma equipe. Através dela, o líder aumenta a abrangência de seu trabalho, ficando livre de tarefas secundárias, podendo prender a sua atenção naquilo que cabe somente a ele. Ao mesmo tempo, o trabalho em equipe tem as suas dificuldades, pois são pessoas completamente diferentes, e, por isso, precisa-se manter a saúde da equipe.

### **1.3.3 Mantendo a saúde da equipe**

Mesmo a melhor equipe necessita de manutenção. A boa saúde da equipe interfere diretamente no seu desempenho. Não basta apenas delegar, é preciso acompanhar, estender as mãos, motivar. O fato de se passar a responsabilidade não indica que o líder não tenha mais nada a ver com o projeto. Diante disso, percebe-se que há sempre a necessidade de manutenção.

---

<sup>68</sup> SANDERS, J. O. *Liderança espiritual*, p. 123-127.

<sup>69</sup> FINZEL, H. *Dez erros que um líder não pode cometer*, p. 93-109.

Uma *clara explicação das expectativas* contribui para a saúde da equipe. Quando as pessoas têm plena clareza do porquê e para quem estão trabalhando, elas se sentem parte do empreendimento, parte do grupo, visualizando ao mesmo tempo a importância das tarefas que lhes foram outorgadas.<sup>70</sup>

Possibilitar *treinamento* para os membros da equipe também é de suma importância. Muitas vezes há uma enorme diversidade de talentos em um grupo, porém poucos deles se encontram lapidados ao ponto de serem úteis para o trabalho. Treinar as pessoas representa demonstrar interesse pelo bem-estar pessoal como também pela Obra do Senhor.<sup>71</sup>

O que também melhora a saúde da equipe é a *abertura de espaço para o compartilhar de ideias*. Não são apenas os líderes os grandes mentores do grupo. Deus deu a todos os seres humanos capacidade para pensar, e, portanto, as ideias de todos devem ser bem-vindas. Muitas vezes a pessoa que está de fora, olhando a situação, tem melhores ideias do que a que está envolvida diretamente no processo.

Mas, acima de tudo, para o bom andamento da equipe é necessário *dar ênfase à presença de Deus*. Sem Deus em uma equipe, qualquer trabalho estará seriamente comprometido, e, se tratando da Obra de Deus, pode-se afirmar com toda certeza, que não há possibilidades de uma equipe perdurar quando Deus não estiver presente.<sup>72</sup>

O líder cristão não pode ser egoísta. A obra é do Senhor, o líder não é dono dela, e, devido a sua abrangência, o líder nem tem condições de realizá-la sozinho. Por isso, delegar tarefas é tão importante. Quando o líder cristão distribui tarefas, ele multiplica forças. Cabe ressaltar que esta delegação deve ser real, envolvendo mesmo o liderado na tarefa, buscando formar uma equipe dinâmica e saudável, que em conjunto cresce no Senhor e faz a obra de Deus crescer.

Este tipo de liderança pode ser visto em todo o Novo Testamento. Era uma liderança que tinha, em primeiro lugar uma noção bem nítida do que era a vontade de Deus. Mas ela não permanecia inerte diante desta verdade. Todos, com um espírito de servo, envolviam-se diretamente no trabalho, formando equipes, dividindo tarefas, fatores de fundamental importância para o crescimento da Igreja Primitiva.

---

<sup>70</sup> JUTILA, C. Quatro princípios fundamentais para líderes de ministério infantil, p. 152-156.

<sup>71</sup> SCHWARZ, C. A. O desenvolvimento natural da igreja, p. 22-23.

<sup>72</sup> JUTILA, C. *Op. Cit.*, p. 152-156.

A igreja dos dias atuais precisa seguir este modelo. Lamentavelmente muitas igrejas têm seguido a visão de homens e não a de Deus, e como se não bastasse, líderes cristãos têm monopolizado todo o trabalho dentro da igreja. Desta forma, os ministérios nestas igrejas tem sido deficientes e estes líderes têm vivido sobrecarregados, fazendo da obra do Senhor um peso para as suas vidas.

## II – O CRESCIMENTO ATRAVÉS DA EDIFICAÇÃO - OIKODOMÉ

O termo edificação vem do vocábulo grego “*oi)kodome/w*”, que é traduzido por construir ou edificar. Geralmente é usado no sentido literal e atribuído diretamente ao processo de construção de alguma coisa.

Na Septuaginta o termo aparece cerca de 350 vezes, relacionado, na grande maioria delas, à edificação de uma construção. Mas já o profeta Jeremias usou este termo de forma metafórica, referindo-se à obra de Deus (Jr 1.10; 24.6; 31.4; 33.7). No contexto de Jeremias, é Deus quem reedificará Israel e, através dos profetas, Deus edifica seu povo. Esta forma de pensar exerceu grande influência no uso bíblico deste termo.

No Novo Testamento, este termo é usado de diferentes maneiras. Em alguns textos dos Evangelhos é usado num sentido apocalíptico-messiânico, referindo-se a obras futuras de Cristo (Mc 14.58; Mt 26.61; Jo 2.19). Também aparece com sentido muito parecido ao que tinha no Antigo Testamento, referindo-se a uma restauração escatológica de Israel (At 15.16; 20.32).

As passagens mais completas e que trazem uma maior compreensão sobre o termo ocorrem nas Epístolas de Paulo. Paulo o usa para descrever a atividade apostólica (1Co 3.5-17), ilustrando “o processo da construção do ‘templo de Deus’ (a comunidade cristã)”. O vocábulo é também usado para “descrever o crescimento... e expansão da comunidade mediante o Espírito.” Interessante observar que o mesmo aparece sempre relacionado a tudo o que acontece dentro da comunidade, ou seja, descreve o que edifica a comunidade (1Co 14.3-5; Ef 4.12). Na idéia de Paulo, “a edificação que não visa servir aos outros é egocêntrica e sem razão de ser.”<sup>73</sup>

Em síntese, pode-se afirmar que o termo grego *oi)kodome/w* denota “o ato de construir”, que é empregado no Novo Testamento de forma figurada para o crescimento espiritual e o desenvolvimento do caráter dos crentes através do exemplo e do ensino, sugerindo desta forma que é um processo que ocorre de forma lenta, e, portanto, exige paciência.<sup>74</sup> A edificação da igreja é essencial para que esta se torne apta para a sua grande tarefa frente ao mundo. Ela ocorre através do discipulado, da comunhão e da disciplina.

---

<sup>73</sup> GOETZMANN, J. Casa, edificar, administrador, mordomo. In: BROWN, C. (edit). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, v. 1, p. 369-371.

<sup>74</sup> VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE Jr., W. Dicionário Vine, p. 582-583.

## 2.1 Edificação pelo discipulado

Fazer discípulos é uma prática milenar, usada por grandes líderes e pensadores em todas as épocas. Sócrates, por exemplo, não registrou nenhuma de suas palavras, porém seus ensinamentos foram espalhados pelo mundo todo através de fiéis seguidores.

Mas ninguém usou este método de forma tão apropriada e completa como Jesus. Seus seguidores O acompanhavam 24 horas por dia. Viam Seus ensinamentos e a Sua forma de viver. Tudo isso encorajou este grupo de seguidores, chamados *discípulos*, a seguirem o exemplo do Mestre, mesmo sob perseguição e risco de morte. O discípulo é, portanto, “o aluno que aprende as palavras, os atos e o estilo de vida de seu mestre, com a finalidade de ensinar a outros.”<sup>75</sup>

O termo discipulado provém do termo grego “*mathetês*”, que significa discípulo. Este, por sua vez, descreve um aluno, aprendiz; ou seguidor de um mestre, profeta, um adepto de uma ideologia”. Desta forma, entende-se que ser um discípulo é seguir instruções, uma doutrina ensinada por um mestre-ensinador. Ser um discípulo de Cristo representa seguir Seu caminho; ser um discipulador representa mostrar o caminho a ser seguido.<sup>76</sup>

O discipulado cristão é um relacionamento de mestre e aluno, baseado no modelo de Cristo e seus discípulos, no qual o mestre reproduz tão bem no aluno a plenitude de vida que tem em Cristo, que o aluno é capaz de treinar outros para ensinarem a outros.<sup>77</sup>

Uma das principais falhas da igreja dos dias atuais é a falta de discipulado genuíno. Discipulado é muito mais do que adquirir conhecimento sobre Cristo, pois “discipulado significa deixar tudo para seguir a Cristo”.<sup>78</sup> É necessário existir na igreja um processo contínuo de discipulado. Para que isto se torne realidade, é de suma importância que a igreja entenda que fazer discípulos não é uma opção, e sim uma ordem, uma obrigação delegada a ela. Além disso, a igreja precisa ver o discipulado como um processo e não como um programa. Um processo tem um começo e um fim, enquanto um programa é rotativo, tendo apenas um começo.<sup>79</sup> Cabe à igreja também identificar nas pessoas características de um verdadeiro discípulo em potencial.

<sup>75</sup> PHILLIPS, K. A formação de um discípulo, p. 15-16.

<sup>76</sup> ROTTMANN, J. H. Se teu irmão pecar, p. 11-12.

<sup>77</sup> PHILLIPS, K. *Op. Cit.*, p. 16.

<sup>78</sup> BOICE, J. M. O discipulado segundo Jesus, p. 15.

<sup>79</sup> AGUILERA, J. M. Dinamizando a igreja para cumprir a Grande Comissão, p. 53-54.

### 2.1.1 Quem pode ser discípulo de Cristo

Para ser um discípulo de Cristo, a pessoa precisa apresentar algumas marcas indispensáveis. A primeira marca é *amar a Deus sobre todas as coisas* (Jo 14.21,23; 15.8).

O discípulo, também precisa *negar-se a si mesmo de modo consciente* (Mt 16.24). “Negar-se a si mesmo significa... não impor condições para segui-lo nem tentar questionar seus ensinamentos e seus propósitos... isso representa abrir mão de seus conhecimentos sobre a vida e submeter-se aos conceitos do Mestre”.<sup>80</sup>

Para ser discípulo também é necessário *tomar, intencionalmente, a sua cruz* (Lc 9.23). Somente fazer parte de uma igreja não torna ninguém apto para o discipulado. É preciso estar disposto a pagar um alto preço. A cruz, neste contexto, não se refere a limitações do ser humano, nem aos seus tantos problemas, mas ela faz lembrar alguém que foi julgado, condenado, sentenciado, exposto à vergonha e ao desprezo público, e que mesmo assim caminha para o alvo que lhe foi proposto.<sup>81</sup>

Só pode ser discípulo aquele que, *voluntariamente, segue a Jesus Cristo* (Mt 16.24). “O discípulo de Jesus segue-o, não por causa da obrigação, mas por amor a seu mestre. Quando isso é uma realidade, ler a Bíblia se torna um prazer; meditar nas Escrituras um momento de refrigério; orar uma necessidade.”<sup>82</sup> Só há discipulado quando se está caminhando nas pegadas de Cristo (1Pe 2.21).

O *amor aos irmãos da fé e a todas as demais pessoas* é outra necessidade para o discipulado (Jo 13.34-35). Esta é a forma de se reconhecer um seguidor de Cristo. É impossível não amar, e a Bíblia confirma isso: 1Jo 2.9-11; 3.10; 14-16.<sup>83</sup>

Não há como ser discípulo de Cristo sem *perseverar e guardar a Sua Palavra* (Jo 14.21-23). O discípulo tem sede pelos ensinamentos de Cristo. Ele busca uma maior intimidade com Deus, busca um relacionamento mais profundo. Assim como alimenta diariamente seu corpo físico, alimenta diariamente o seu lado espiritual (Jo 4.34).

A *renúncia completa de tudo por amor a Cristo* é outra condição indispensável para se tornar um discípulo de Cristo. “Somos como um balão de gás, dirigível, cheio de lastros de areia. Se

<sup>80</sup> SOLONCA, P. Manual do discípulo I, p. 15-21.

<sup>81</sup> SANDERS, J. O. Discipulado espiritual, p. 21-22.

<sup>82</sup> SOLONCA, P. *Op. Cit.*, p. 17.

<sup>83</sup> SANDERS, J. O. *Op. Cit.*, p. 21-22.

quisermos tomar o rumo das alturas, temos que nos livrar dos lastros que nos prendem ao chão”.<sup>84</sup>

Outra marca importante é *permanecer em Cristo* (Jo 6.66; 8.31; 15.1-7). Isso implica não voltar atrás na decisão de realmente viver para Cristo. Representa ter convicções espirituais muito fortes, às quais nenhum falso ensino é capaz de derrubar.<sup>85</sup> Esta permanência em Cristo é que torna a alimentação possível, e conseqüentemente, dá a energia necessária ao cristão para que este produza frutos. Esta *produção de frutos* é outra característica da pessoa que é um discípulo de Cristo (Mt 7.16; Jo 15.5).<sup>86</sup>

Não existe discípulo sem que haja uma forte *identificação da pessoa com Cristo* (Mc 10.32-33). Quem tem vergonha de Cristo não serve para o discipulado! A vergonha é a demonstração clara da falta de amor para com o Mestre. O verdadeiro discípulo vive para demonstrar aos outros a sua ligação com Jesus, estando até mesmo disposto a morrer por esta causa (At 4.13).<sup>87</sup>

Ao se olhar para as características necessárias ao discipulado, percebe-se que não é uma tarefa simples, mas que demanda muito trabalho da parte do discípulo e que exige um longa caminhada.

### 2.1.2 O caminho do discipulado

A caminhada do discipulado exige dos cristãos algumas atitudes indispensáveis. Uma destas atitudes é a *obediência*. Não há como ser um seguidor sem seguir (obedecer) as ordens do Mestre. “Jesus não pode ser nosso Senhor sem a nossa obediência” (Jo 15.14).<sup>88</sup>

Mas o que é obediência? Obediência é “o estado ou ato de submissão a vontade de outrem”. Este conceito dá a entender dois princípios importantes: (1) o da existência de uma autoridade superior à qual o ser humano se submete (Deus); e (2) de que esta é uma atitude consciente, voluntária e espontânea.<sup>89</sup>

Por onde Jesus passava, arrebanhava uma multidão à Sua volta. Muitas destas pessoas eram apenas curiosos, porém não Seus seguidores, tanto que em certo momento Ele chama a

<sup>84</sup> SOLONCA, P. Manual do discípulo I, p. 15-21.

<sup>85</sup> *Ibidim*, p. 15-21.

<sup>86</sup> SANDERS, J. O. Discipulado espiritual, p. 30-31.

<sup>87</sup> SOLONCA, P. *Op. Cit.*, p. 15-21.

<sup>88</sup> BOICE, J. M. O discipulado segundo Jesus, p. 65-72.

<sup>89</sup> SOLONCA, P. *Op. Cit.*, p. 80-81.

atenção das pessoas por apenas irem até onde Ele está, porém não seguindo Seus ensinamentos (Lc 6.46).

A obediência também é um dos assuntos-chave proclamados pela igreja Primitiva (Tg 1.22-25). “Não há nada mais óbvio do que a verdade que, na religião, as palavras sem prática são inúteis, e até mesmo desprezíveis”. Não há dúvidas de que o caminho do discipulado passa pela obediência à Palavra de Deus. Se o ser humano não segue o que a Palavra ensina, também não segue o Autor desta Palavra.<sup>90</sup>

O caminho do discipulado também passa pelo *serviço*. “Seguir ao Senhor Jesus é uma questão individual, porém não individualista”. Jesus mesmo se declarou servo, e demonstrou isso no momento da última ceia, quando lavou os pés dos discípulos. Após este evento, Ele afirma que os que O seguem devem fazer o mesmo (Jo 13.13-17).<sup>91</sup>

O discípulo imita seu mestre. Quanto mais o imita, mais parecido se torna com Ele. Não há dúvidas de que o discípulo deva também demonstrar claramente o seu amor pelas pessoas, isso porque o Mestre Jesus ensinou isso enquanto esteve na terra (Mt 22.39-40) e demonstrou esse amor de forma inteiramente prática, morrendo pela humanidade que não merecia Sua morte.<sup>92</sup>

Há ainda outra marca a ser alcançada e desejada no discipulado: *a humildade*. Jesus novamente é o maior exemplo de humilhação presente na história (Fp 2.8-12). “A humildade nos leva à necessidade de morrer para o ego e tomar a cruz”. Jamais uma pessoa que se considera autosuficiente estará apta para o discipulado.<sup>93</sup>

Estas características mostram que há um preço a ser pago para ser um verdadeiro discípulo. Lamentavelmente a mensagem da salvação tem sido barateada nos últimos anos. A impressão que muitas vezes se tem é que seguir a Cristo não significa praticamente nada. “Não há arrependimento nem mudança de vida. É fácil ser um seguidor de Cristo”.

Mas esta ideia não corresponde à verdade. Seguir a Cristo implica abandono de *tudo* em favor dEle. Há um preço a ser pago, um preço elevado e que exige muito do próprio discípulo. Jesus deixa esta ideia muito clara no texto de Lucas 14.28-33. Jesus não apenas afirma que há um

---

<sup>90</sup> BOICE, J. M. *O discipulado segundo Jesus*, p. 65-72.

<sup>91</sup> SANDERS, J. O. *Discipulado espiritual*, p. 57-58.

<sup>92</sup> BOICE, J. M. *Op. Cit.*, p. 83-85.

<sup>93</sup> *Ibidim*, p. 101-106.

preço, mas estimula a pessoa que quer segui-lo a calcular este valor antes de tomar a decisão, pois, quando tomada, deve sê-lo forma consciente das consequências.<sup>94</sup>

O preço do discipulado é estipulado por Jesus: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, dia a dia tome a sua cruz e siga-me (Mt 16.24).” Não há discipulado sem a morte do eu e sem uma entrega total a Deus! Jesus em momento algum disse que seria fácil segui-lo, mas declarou exatamente o contrário. Para compartilhar da glória de Cristo, o discípulo precisa primeiro compartilhar de Sua morte.<sup>95</sup>

No caminho do discipulado há também outro desafio: fazer novos discípulos. Cada discípulo torna-se também um mestre, um guia, por isso ele precisa também entender o que compreende o processo de fazer novos discípulos.

### 2.1.3 Como fazer discípulos

Todo cristão tem a obrigação de fazer discípulos, porque é criado para reproduzir. Jesus deixou esta idéia bem clara ao declarar: “Quem está unido comigo e eu com ele, esse dá muito fruto porque sem mim vocês não podem fazer nada (Jo 15.5)”. Ser um cristão implica viver como Cristo; portanto, se Cristo fez discípulos, um autêntico cristão também os fará.

O discipulado começa no coração do mestre, que se dispõe a caminhar ao lado de outra pessoa, escolhida por ele. Esta escolha deve ser criteriosa e com um padrão elevadíssimo. O padrão de Jesus deve nortear esta escolha, pois só deve se tornar discípulo quem está disposto a abandonar tudo. Há pelo menos cinco características que precisam estar presentes num discípulo em potencial: vontade de conhecer mais a Deus; disponibilidade de tempo; submissão; fidelidade e desejo de formar outros discípulos.

Acima de tudo, o discipulado é relacional. “É um encontro de uma vida com outra.” Deve ser visto como um investimento que se faz na vida de outra pessoa. Por ser baseado no relacionamento, este relacionamento precisa ter algumas características qualitativas: *calor humano*, que “é uma atitude de amor e bondade demonstrada por meio de um conjunto de comunicações verbais e não-verbais”, o que aproxima o discípulo de seu mestre.

Num relacionamento também é necessária a *lealdade*, que “é um compromisso consistente para com outra pessoa”, o que fará com que o discípulo confie plenamente em seu mestre e

<sup>94</sup> BOICE, J. M. O discipulado segundo Jesus, p. 149-150.

<sup>95</sup> PHILLIPS, K. A formação de um discípulo, p. 16.

saiba que pode contar com ele em todos os momentos. Além da lealdade, é preciso existir *imparcialidade*, onde cada pessoa é vista como sendo única, diferente das demais, e, portanto, é aceita da forma como é.<sup>96</sup>

Outra característica do discipulador é a *maturidade*, que “é um andar firme e fiel com Deus”. O discípulo segue o exemplo do mestre. Se o mestre não é um exemplo de seguidor de Cristo, o discípulo também não o será.<sup>97</sup> Há também a *disponibilidade*, que precisa estar presente num real relacionamento. O discípulo deve ocupar lugar de destaque na vida de seu mestre. Quanto mais tempo passarem juntos, melhor e mais produtivo será o discipulado. Esta disponibilidade destaca a importância que o discípulo tem para seu mestre, bem como lhe dá segurança de que, quando precisar de ajuda, prontamente a encontrará em seu mentor.

A *paciência* é outra marca registrada de quem faz discípulos. O discipulado é uma longa caminhada, dentro da qual erros, por parte do discípulo, são bem comuns. Diante disso, é essencial que o mestre esteja sempre disposto a continuar, apesar dos deslizes de seu pupilo. E uma última característica de um bom relacionamento é a *honestidade*. O discípulo precisa ver em seu mestre não a figura de alguém que fala meias-verdades, mas que é honesto o suficiente para confessar as suas falhas e fraquezas.<sup>98</sup>

A Igreja Primitiva investia alto no discipulado. Todos os novos convertidos passavam por este processo e eram ensinados a fazer o mesmo. Isso trouxe à Igreja uma forte convicção doutrinária e ao mesmo tempo multiplicou o seu número de seguidores. Fica novamente o exemplo para a igreja dos dias atuais. A frouxidão doutrinária, a escassez de conhecimento bíblico e a falta de multiplicação dos fiéis são consequências da falta de discipulado efetivo.

Mas não é apenas através do discipulado que a igreja é edificada. A comunhão assume papel de grande importância também nesta área.

## 2.2 Edificação pela comunhão

O termo comunhão vem do vocábulo grego *koinonia*. Sua idéia básica é “comunhão”. No grego clássico, expressa a ideia de uma associação ou uma sociedade. No grego contemporâneo, é usado para as associações comerciais, casamentos e para o relacionamento

---

<sup>96</sup> PHILLIPS, K. *A formação de um discípulo*, p. 85-129.

<sup>97</sup> ORTIZ, J. C.; BUCKINGHAM, J. *Ser e fazer discípulos*, p. 13-24.

<sup>98</sup> PHILLIPS, K. *Op.Cit.*, p. 85-129.

do ser humano com Deus.<sup>99</sup> No Novo Testamento, a palavra *koinonia* aparece com diversos significados: um compartilhar de amizade; dividir o que se tem; cooperar na obra de Cristo; comunhão na fé, com Cristo, com Deus e no Espírito.<sup>100</sup>

O teólogo William Barclay associa o termo a “compartilhar”. “O Cristão compartilha da humanidade de todos os homens; compartilha da experiência mútua da alegria e das lágrimas; compartilha das coisas divinas da glória que haverá; e durante sua vida inteira, deve ser um repartidor de tudo quanto possui, porque sabe que a verdadeira riqueza acha-se naquilo que dá aos outros.”<sup>101</sup> Para Champlin, amplia-se ainda mais o sentido da comunhão:

A comunhão consiste em um acordo em que diversas pessoas unem-se e chegam a participar juntas de uma determinada coisa (II Co 6.14 e I Jo 1.3). A união de propósitos e de interesses em torno da Ceia do Senhor é um exemplo disso.<sup>102</sup>

Um belo exemplo prático de comunhão é expresso pela Igreja Primitiva. Ela exercia uma comunhão prática, o que pode ser visto analisando a sua forma de agir diante das dificuldades das pessoas a sua volta. A comunhão destes primeiros cristãos não visava apenas o auxílio, era também compartilhar de sonhos e sentimentos. Este sentimento de comunhão expresso por estes cristãos contagiava a população a sua volta, que queria fazer parte deste grupo. Era uma comunhão que expressava marcas contagiantes. Atualmente, divisões e discórdias têm invadido a igreja, e muitas pessoas querem estar longe deste grupo!<sup>103</sup>

### 2.2.1 As marcas da verdadeira comunhão

A comunhão dentro da igreja deve manifestar as mesmas marcas manifestas pelo Reino de Deus! Dentre estas marcas, destaca-se: *a promoção da justiça* – a justiça é promovida exatamente no contexto de sua ausência, ou seja, onde não há justiça é que se deve procurar promovê-la. Foi o que Deus fez com o mundo pecador, imerso em todo tipo de injustiça. Da mesma forma, a igreja, como comunidade dos salvos, tem a obrigação de promover de forma conjunta a justiça de Deus. Quando a igreja compactua com as injustiças deste mundo ela perde o seu significado.

<sup>99</sup> BARCLAY, W. *Palavras chaves do Novo Testamento*, p. 122-125.

<sup>100</sup> SCHWARZ, C. A. *Mudança de paradigma na igreja*, p. 135-136.

<sup>101</sup> BARCLAY, W. *Op. Cit.*, p. 122-125.

<sup>102</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, v. 1, p. 821.

<sup>103</sup> MARCONDES FILHO, J. *Amar e crescer*, p. 65-74.

Mas quando a igreja, em inteira comunhão, se dispõe a lutar contra as injustiças, ela consegue mudar a situação espiritual e social das pessoas por ela alcançadas. O detalhe é que só há verdadeira promoção da justiça quando há verdadeira comunhão. Quando a comunhão é falha, pessoas da própria igreja ficam desassistidas, sem que ninguém se importe com elas, o que caracteriza uma injustiça. Então, como promover justiça fora, se dentro da igreja ela não é exercida?

Outra marca da verdadeira comunhão é a *vivência em paz* (Rm 12.18). Esta paz só é possível quando há um empenho unânime pela justiça. Através do perdão de Deus, o ser humano conseguiu caminho para a paz com Deus (Rm 5.1), consigo próprio e com seu próximo. Diante disso, torna-se inadmissível a existência de conflitos dentro da igreja.

Deve-se esclarecer, entretanto, que paz dentro da igreja não representa uniformidade de ideias, visto que uma das principais marcas positivas da igreja é exatamente a sua diversidade, através da qual um complementa o outro. Mas, apesar de existirem pessoas completamente diferentes, com pensamentos diferentes, deve reinar na comunhão da igreja um clima de serenidade plena. Isso servirá de testemunho para o mundo, onde discórdias são tão frequentes (Jo 17.21). Não existe comunhão sem existir uma vivência em paz.

Há mais uma marca que caracteriza a real comunhão: *a manifestação da alegria* (At 2.46-47). Ao se olhar para a Comunidade de Jerusalém, percebe-se claramente a alegria destes cristãos. A alegria é a marca essencial na vida cristã e é algo que distingue o cristão das demais pessoas. Não pode existir uma reunião do povo de Deus marcado pela apatia e pela indiferença. Se sozinho o cristão já tem motivos de sobra para se alegrar, ele os tem ainda mais quando conta com o grande privilégio de, em conjunto com outros cristãos, poder adorar a Deus. Aparente comunhão é marcada por cultos tristes e desanimados, onde não há lugar para a alegria.<sup>104</sup> Esta comunhão deve se manifestar em todas as áreas da vida na comunidade.

### **2.2.2 As manifestações da comunhão**

A comunhão cristã é manifesta, ou deveria ser manifesta, em pelo menos três áreas: *a comunhão de fé; a comunhão congregacional e a comunhão diária*. A igreja vive como comunhão de fé, pois todos os que aceitaram a Jesus Cristo como seu único e suficiente Salvador e Senhor são congregados a uma comunidade de fé que gera compromisso. Todos

---

<sup>104</sup> MARCONDES FILHO, J. *Amar e crescer*, p. 65-74.

creem na mesma Pessoa. Nesta comunhão somam-se todos os cristãos de todas as épocas e de todos os lugares.

Já a comunhão congregacional é a que a igreja expressa em suas reuniões. Esta comunhão está limitada aos cristãos vivos e também a pequenas regiões. A comunhão congregacional é expressa de diversas formas: *cultos*, que visam à adoração coletiva a Deus; *batismos*, através do qual o cristão mostra exteriormente a mudança de vida que ocorreu interiormente, demonstrando fisicamente que agora ele vive para Cristo, e conseqüentemente faz parte da comunhão da igreja; *Ceia do Senhor*, um memorial do qual todos os cristãos participam, relembando o sacrifício vicário de Jesus na cruz, bem como anunciando a sua esperança na volta de Cristo; *cuidado mútuo*, através do qual um cristão ajuda o outro; a *admissão e exclusão de membros* também é uma expressão da comunhão congregacional. Através da admissão são introduzidas novas pessoas a comunidade. Já através da exclusão são tiradas as pessoas que ameaçam a comunhão, mas com o objetivo de que tenham suas vidas transformadas e voltem a fazer parte primeiramente da comunidade de fé, para daí fazerem parte da comunhão congregacional novamente.<sup>105</sup>

A *comunhão diária*, como o próprio nome diz, é a que acontece no dia-a-dia, sem a necessidade de um local próprio, de um horário marcado.<sup>106</sup> Ela nada mais é do que o encontro de dois ou mais cristãos num mesmo lugar com o mesmo propósito: a expansão do Reino de Deus.<sup>107</sup> Esta comunhão é bem destacada na Igreja Primitiva, onde os cristãos se reuniam diariamente nas casas, uns dos outros, e juntos compartilhavam aspectos relevantes para o Reino de Deus. Em muitas destas reuniões informais eles partilhavam também a Ceia do Senhor.<sup>108</sup> Esta comunhão manifesta em todas as áreas é de suma importância para a igreja.

### 2.2.3 A importância da comunhão

A vida cristã não é vivida solitariamente. O cristão não consegue viver de forma isolada, pois há grande necessidade de se relacionar, de ter comunhão com outros cristãos, da qual o próprio cristão é um dos grandes beneficiados. Eis algumas razões que demonstram a importância da comunhão:

---

<sup>105</sup> WEYEL, H. *Meu sonho de igreja*, p. 125-196.

<sup>106</sup> SCHWARZ, C. A. *O desenvolvimento natural da igreja*, p. 32-33.

<sup>107</sup> WEYEL, H. *Op. Cit.*, p. 125-196.

<sup>108</sup> VIERTTEL, W. E. *O crescimento da Igreja Primitiva: um estudo do livro de Atos*, p. 33

1 – *A comunhão é fonte de auxílio para a permanência na fé* – “ao unirmo-nos a uma igreja, colocamo-nos em uma posição na qual temos de pedir a irmãos e irmãs que se tornem responsáveis por nós”. E é o que de fato acontece numa comunidade verdadeira: quando alguém está cansado, outra pessoa estende a mão auxiliando o necessitado; quando alguém está trilhando um caminho perigoso, há sempre alguém que se ofereça para fazer esta pessoa retornar ao caminho seguro.<sup>109</sup>

2 – *A comunhão torna o evangelismo mais eficaz* – o impacto que um cristão sozinho pode causar no que se refere à evangelização mundial pode ser considerado insignificante. Porém, quando, através da comunhão, forças são unidas em torno de uma causa, o impacto pode ser muito maior e muitas vidas podem ser alcançadas.<sup>110</sup>

3 – *A comunhão torna a igreja autêntica* – a igreja é essencialmente a comunidade do amor, amor que é expresso através da comunhão dos cristãos com eles próprios e com o Senhor Jesus. Sem comunhão, não há igreja.<sup>111</sup>

4 – *A comunhão edifica a igreja* – a comunhão faz com que a igreja, que é composta por pessoas falhas e incompletas, se torne uma organização completa, onde um complementa o outro, onde um supre as necessidades do outro, onde um auxilia o outro. Desta forma, ocorre um enorme crescimento espiritual e um amadurecimento dos cristãos.

5 – *A comunhão glorifica a Deus* – a forma de viver do ser humano pode glorificar a Deus. Só há uma maneira de o ser humano glorificá-lo: vivendo como Cristo vivia. E uma das principais marcas deixadas por Cristo foi o Seu grande amor demonstrado, que é também demonstrado pelos cristãos quando estes vivem em verdadeira comunhão, vivendo desta forma como povo de Deus.<sup>112</sup>

A comunhão é uma das marcas distintivas da Igreja Primitiva (At 4.32). Seus relacionamentos e seu amor demonstrado impactavam todas as pessoas a sua volta. Os não-cristãos sentiam-se atraídos a este meio (At 5.14), tudo porque a comunhão que tinham era real e manifesta em todas as áreas de sua vida. Mas há ainda um meio pelo qual a igreja é edificada: através da disciplina.

---

<sup>109</sup> DEVER, M. *Nove marcas de uma igreja saudável*, p. 164-174.

<sup>110</sup> KIVITZ, R. (edit). *Koinonia*, p. 36-37.

<sup>111</sup> SCHWARZ, C. A. *O desenvolvimento natural da igreja*, p. 36-37.

<sup>112</sup> DEVER, M. *Op. Cit.*, p. 164-174.

### 2.3 Edificação pela disciplina

Quando se fala em disciplina tem-se geralmente uma visão negativa da mesma, ou seja, correção. Mas a disciplina não é apenas negativa, no sentido de se tentar consertar o que está estragado, mas é também positiva, ou seja, preventiva, pois evita que erros aconteçam. Para que uma igreja cresça de verdade, é extremamente importante que ela exerça a disciplina eclesial. Igrejas que se negam a disciplinar deixam de ser sal e luz no mundo, tornando-se densas trevas.<sup>113</sup>

Para se ter uma melhor compreensão do que representa a disciplina, precisa-se avaliar o seu sentido bíblico. “Etimologicamente, o termo ‘disciplina’ – derivado diretamente do latim – pode ter vários sentidos.” Um destes significados é *discípulo*, um termo que explica muito bem o sentido bíblico da disciplina.<sup>114</sup>

Este termo indica, em primeiro lugar, alguém que segue a instrução, a doutrina de um mestre-ensinador, portanto um aluno que aceita aquilo que seu mestre propõe. Daí podemos definir disciplina como sendo a ação, ou melhor ainda, a disposição de uma pessoa agir em conformidade com o padrão proposto por seu mestre. Disciplina cristã significa, assim, em primeiro lugar, seguir os caminhos traçados pelo Mestre Jesus.<sup>115</sup>

Desta forma, consegue-se ter clara visão da ligação entre a disciplina e a Grande Comissão (Mt 28.18-20), visto que, em sua última ordem, Jesus ordena aos seus discípulos que devessem ir ao mundo inteiro fazer discípulos, ou seja, alunos, aprendizes e seguidores.

Esta vasta ordem de Jesus vem acompanhada com uma explicação com respeito à sua execução: “ensinando-os a guardar tudo quanto vos ordenei”. Com base nestas considerações, pode-se dizer que a disciplina cristã pertence à ordem institucional da igreja, sendo o ensino o principal meio de promovê-la. Não se deve ignorar o fato de que a disciplina vai além do ensino, da instrução. A disciplina cristã é também admoestar, lembrar alguém fraternalmente, chamar alguém para estar ao seu lado, repreender e condenar (Rm 12.8; Tt 2.15).<sup>116</sup>

A disciplina serve para manter a igreja diferente do mundo, e ela representa “todos os meios e medidas pelas quais a igreja busca a sua santificação e boa ordem necessária para a sua edificação espiritual e eliminação de tudo que ameaça seu bem-estar.” Tudo o que for

<sup>113</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p. 186-188.

<sup>114</sup> ROTTMANN, J. H. Se teu irmão pecar, p. 11.

<sup>115</sup> *Ibidim*, p. 11.

<sup>116</sup> *Ibidim*, p. 11-14.

diferente disso não é disciplina!<sup>117</sup> Mas antes de exercê-la, a igreja precisa estar ciente da sua necessidade e do seu propósito.

### 2.3.1 A Necessidade e o propósito

Da mesma forma como a igreja aplica princípios bíblicos para a admissão de novos membros, a igreja precisa também adotar estes princípios no que se refere ao governo de seus membros, e, se for necessário, na remoção dos que estão impedindo o progresso do Reino. Jesus deixou claros vários princípios importantes relacionados à disciplina eclesiástica. Uma das explicações mais completas está em Mateus 18.15-18. Por ser ordem de Jesus, cabe à igreja exercer a disciplina, baseada nas seguintes necessidades e fundamentada nos seguintes propósitos:

1 – *“Glorificar a Deus por intermédio da obediência às Suas instruções relativas à manutenção de um governo eclesiástico apropriado”*. O ser humano glorifica a Deus quando vive segundo a Sua Palavra, e não segundo o seu próprio modo de pensar.<sup>118</sup>

2 – *“Recuperar os ofensores”* – não importa o tipo de disciplina que será aplicada – correção gentil, admoestação, repreensão ou até mesmo exclusão – o alvo deve ser sempre a restauração do ofensor. As instruções bíblicas acerca da disciplina não garantem que o ofensor irá voltar, mas conduzem sempre ao propósito que é buscar trazer de volta à comunhão da igreja aqueles que se afastaram.<sup>119</sup>

3 – *“Manter a pureza da igreja e a sua adoração, bem como evitar a profanação da ordenança da Ceia do Senhor”*<sup>120</sup> –

Jamais seremos capazes de manter a Igreja visível perfeitamente pura, porquanto somos apenas homens falíveis. A nossa incapacidade de atingir a perfeição quanto a esse particular, entretanto, não serve de desculpa para desistirmos de toda e qualquer tentativa neste sentido. Precisamos manter a pureza da Igreja visível de Cristo até ao limite máximo de nosso conhecimento e capacidade.<sup>121</sup>

4 – *“Exigir a integridade e a honra de Cristo e da religião que Ele ensinou”* – esta meta só é atingida quando a igreja toda vive fielmente os princípios ensinados por Cristo, o que só é

<sup>117</sup> SHEDD, R. P. *Disciplina na igreja*, p. 13-15.

<sup>118</sup> WRAY, D. E. *Disciplina bíblica na igreja*, p. 6-8.

<sup>119</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 129.

<sup>120</sup> WRAY, D. E. *Op. Cit.*, p. 6-8.

<sup>121</sup> *Ibidim*, p. 7.

possível em igrejas que investem grandemente em disciplina corretiva, na qual seus membros são instruídos adequadamente.<sup>122</sup>

5 – *“Impedir outras pessoas de caírem também em pecado”* – a disciplina reprime a proliferação do pecado, inibe e alerta o pecador, que percebe o que poderá acontecer com ele se não mudar de vida.

6 – *“Evitar que Deus possa voltar-se contra uma igreja local”* – Deus abomina o pecado, e ao se analisar a história do povo de Israel, percebe-se claramente que diversas vezes Deus se voltou contra o Seu próprio povo devido aos seus pecados. Uma igreja que pratica todos os tipos de males não pode ser uma igreja que conta com a bênção e nem com a presença de Deus. Não há mal maior para a igreja do que ela ficar sem Deus.<sup>123</sup>

7 – *Para o testemunho coletivo da igreja”* – a disciplina é um poderoso instrumento evangelístico, pois o mundo busca uma forma diferente de viver, e quando a igreja demonstra este estilo de vida proporcionado pela disciplina, os não-cristãos sentem-se atraídos para a igreja.<sup>124</sup>

Depois de conhecer seu propósito, cabe à igreja exercer a disciplina corretamente. Disciplina mal aplicada, mesmo que fundamentada nos mais puros propósitos, causa terríveis danos à pessoa que se está disciplinando.

### 2.3.2 Os métodos de se exercer a disciplina

Há diferentes formas de se aplicar a disciplina. Algumas são bem sutis, enquanto que outras são drásticas e severas. A situação define qual será o melhor método a ser usado naquela situação. Deve-se ter em mente sempre os propósitos e buscar aplicar métodos essencialmente bíblicos. Qualquer interesse humano na disciplina pode ser extremamente prejudicial para a igreja como também para a vida da pessoa a ser disciplinada.<sup>125</sup>

Além disso, a disciplina só poderá ser aplicada por uma pessoa que tem uma vida irrepreensível, que manifesta o fruto do Espírito, disposta a levar as cargas dos outros e a reabilitá-los e que tem plena consciência de que também é um pecador.<sup>126</sup>

<sup>122</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 127.

<sup>123</sup> WRAY, D. E. *Disciplina bíblica na igreja*, p. 6-9.

<sup>124</sup> DEVER, M. *Nove marcas de uma igreja saudável*, p. 208-209.

<sup>125</sup> WRAY, D. E. *Op. Cit.*, p. 10-13.

<sup>126</sup> SHEDD, R. P. *Disciplina na igreja*, p. 13-15.

Dentre os métodos destaca-se a *admoestação*, que pode ser pública ou particular (Rm 15.14; Cl 3.16; 1Ts 5.14; 2Ts 3.14-15; Tt 3.10-11). Admoestar é “convencer alguém a *cumprir* um dever; incumbir autoritativamente, exortar, encarecer (sempre com uma referência tácita ao perigo de penalidade ou fracasso).” A Bíblia funciona como um livro admoestador, que aponta a forma correta de viver e as consequências deste ato, bem como aponta as consequências de não se viver conforme as Escrituras Sagradas.

Outro método é a *reprovação, repreensão, persuasão e convicção* (Mt 18.15; Ef 5.11; 1Tm 5.20; 2Tm 4.2; Tt 1.9, 13; 2.15). Nas passagens bíblicas citadas anteriormente, aparece o vocábulo grego “*elenxo*” que tem uma infinidade de significados, os quais, resumidos, trazem a ideia de “... repreender a outrem com tão eficaz demonstração das vitoriosas armas da verdade que leve a pessoa convencida, se não sempre à confissão, pelo menos à convicção do seu pecado...”. Este mesmo vocábulo grego é usado para descrever a obra do Espírito Santo (Jo 16.8). Deve-se esclarecer que a verdadeira repreensão é um ato de amor, e, portanto, deve ser realizada com amor.<sup>127</sup>

A disciplina também pode ser exercida através da *exclusão*. Jesus coloca este método em último caso, quando todos os demais recursos tiverem se esgotado (Mt 18.17). O apóstolo Paulo também orienta a igreja de Corinto a usar este método (1Co 5.11-13). Neste tipo de disciplina o ofensor é excluído do seio da igreja local e perde todos os seus direitos como membro.<sup>128</sup>

Esta forma de disciplina não é muito agradável e é com certeza uma causa de pesar, mas apesar disso, quando necessário, deve-se fazer uso deste método. Não realizar a exclusão quando ela é necessária, além de ser contra os princípios do Mestre Jesus, é uma prática que promoverá o crescimento do pecado dentro da igreja.

A exclusão não deve ser encarada como uma medida irreversível. Seu objetivo é também provocar o arrependimento do pecador, visando a sua volta à comunhão na igreja, na qual será recebido com muita alegria.<sup>129</sup>

Acima de tudo, deve-se seguir as etapas enumeradas por Jesus (Mt 18.15-20): primeiramente o irmão que viu a falha deve procurar o arrependimento do pecador. Se não tiver sucesso,

---

<sup>127</sup> WRAY, D. E. *Disciplina bíblica na igreja*, p. 10-13.

<sup>128</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *A túnica inconsútil*, p. 130-131.

<sup>129</sup> WRAY, D. E. *Op. Cit.*, p. 10-13.

deve levar duas ou três testemunhas. Não o aceitando ainda, o caso deve ser levado à igreja, e não se arrependendo, a pessoa deve ser desligada e a igreja já não terá mais contato com ela até que se arrependa.<sup>130</sup>

Por ser um ato que causará dor, muitas igrejas têm negligenciado a disciplina. E para justificar seus atos, têm usado textos bíblicos, como a parábola do trigo e do joio, para afirmar que não há problemas em se deixar os rebeldes no seio da igreja.<sup>131</sup> Esta atitude tem trazido diversas consequências para o povo de Deus.

### 2.3.3 As consequências da falta de disciplina

A disciplina é parte essencial da igreja. Greg Wills, analisando a igreja primitiva, conclui que “uma igreja sem disciplina dificilmente seria considerada uma igreja”. John Dagg complementa esta ideia, afirmando que, quando a disciplina deixa uma igreja, é sinal de que Cristo também não está mais lá. Sem disciplina, a igreja deixa de cumprir as suas funções essenciais: ser sal e luz do mundo.

Os cristãos precisam viver de modo que confirmem a sua profissão de fé. O amor e o compromisso mútuo precisam reinar na igreja. Como afirmar que existe amor entre os irmãos quando um não quer o bem do outro? A prática da disciplina é uma demonstração visível de amor para com os que estão na igreja, pois disciplinar é querer bem.

Quando falta disciplina na igreja, falta também amor pelas pessoas de fora. Quando os cristãos deixam de viver conforme a vontade de Deus, eles deixam de ser exemplo para o mundo pecador, e consequentemente deixam de levar outras pessoas a assumirem um compromisso com Cristo.

A falta de disciplina também revela a falta de amor por Deus. Deus é santo e requer uma igreja santa, o que é um grande privilégio e uma grande responsabilidade. Viver de qualquer forma é ofender a Deus e tornar a igreja, que deveria ser um lugar de adoração e louvor a Deus, em um simples clube social, onde as pessoas se reúnem para bater papo. “Se quisermos

---

<sup>130</sup> SHEDD, R. P. *Disciplina na igreja*, p. 38-50.

<sup>131</sup> *TRIGO E JOIO*: nesta parábola (Mt 13.24-30) Jesus indica claramente que os cristãos viverão no **mundo** com pessoas as quais não crêem nEle. A parábola não se refere à vivência dentro da igreja, pois seria uma contradição, visto que Deus exige da mesma santidade. Como poderia ser santa sendo invadida pelo mundo? SHEDD, R. P. *Op. Cit.*, p. 8-9.

ter igrejas saudáveis, temos de nos preocupar ativamente uns com os outros, até ao ponto de confrontação.”<sup>132</sup>

A disciplina era uma matéria colocada em prática na Igreja Primitiva. Todos os que insistiam em viver segundo a sua própria vontade eram desafiados a se voltarem para a vontade do Senhor. Mas esta disciplina era exercida com todo o zelo, baseada nos mais puros propósitos, seguindo sempre a orientação de Jesus, e por isso, a igreja contava com a bênção de Deus e não sofria consequências devido à sua irresponsabilidade diante da tarefa de manter puro o povo de Deus.

A igreja é o “edifício de Deus”, e por isso, precisa ser edificada por Ele. Discipulado, comunhão e disciplina são os meios pelos quais Deus trabalha em Seu povo. Mas, quando a igreja não busca amadurecer, também não conseguirá crescer. A comunhão atrai as pessoas, enquanto a disciplina mantém a igreja pura aos olhos de Deus e dos homens e o discipulado, por sua vez, instrui os que são atraídos à igreja por causa da comunhão e da disciplina, a viverem conforme a vontade do Senhor. A igreja precisa crescer primeiro em si mesma (edificação) para daí atingir a outros.

---

<sup>132</sup> DEVER, M. Nove marcas de uma igreja saudável, p. 211-212.

### III – O CRESCIMENTO ATRAVÉS DO SERVIÇO – DIACONIA

O serviço, ou a diaconia, é parte essencial na estrutura da igreja. Pode-se até dizer que o seu direito de existir provém da sua diaconia, isso porque a igreja não vive para si só, mas vive para Cristo, e conseqüentemente para todas as pessoas pelas quais Ele morreu.

Pela derivação do termo grego, entende-se a diaconia frequentemente como obra diaconal ou obra social. Mas todas as obras que acontecem na igreja e através da igreja devem ser consideradas diaconia.<sup>133</sup>

Essa expressão no Novo Testamento acolhe um termo que tinha uma conotação depreciativa em seu contexto grego. O serviço do escravo, que tinha de atender seu senhor de joelhos, não era considerado digno de um homem. Somente pessoas de ‘segunda classe’ e escravos se sujeitavam a isso.<sup>134</sup>

“Mesmo quando a *diakonia* não se referia apenas ao serviço à mesa, mas também ao empenho geral pelo sustento da vida, o termo não perdia sua coloração depreciativa. Um pouco disso transparece na narrativa sobre Maria e Marta (Lc 10.38-42).”<sup>135</sup> Mas o Novo Testamento se encarrega em dar, sutilmente, uma nova conotação a este termo, que, de um serviço humilhante, se torna “o serviço do Espírito... da glória... e da justiça.”<sup>136</sup>

Quando se olha para o termo *diácono*, do qual provém o termo *diaconia*, percebe-se que este também se refere primeiramente a um criado, uma pessoa que faz um trabalho servil, ou então, uma pessoa que presta um serviço voluntário. Este termo é usado frequentemente no Novo Testamento referindo-se:<sup>137</sup>

aos criados domésticos (Jo 2.5,9); ao governante civil (Rm 13.4); a Cristo (Rm 15.8; Gl 2.17); aos seguidores de Jesus em sua relação com o Senhor (Jo 12.26; Ef 6.21; Cl 1.7; 4.7); aos seguidores de Jesus em relação uns com os outros (Mt 20.26; 23.11; Mc 9.35; 10.43); aos servos de Cristo no trabalho de orar e ensinar (1Co 3.5; 2Co 3.6; 6.4; 11.23; Ef 3.7; Cl 1.23,25; 1Ts 3.2; 1Tm 4.6) e àqueles que servem nas igrejas (Rm 16.1).<sup>138</sup>

---

<sup>133</sup> WEYEL, H. Meu sonho de igreja, p. 197-198.

<sup>134</sup> *Ibidim*, p. 197-198.

<sup>135</sup> *Ibidim*, p. 197-198.

<sup>136</sup> *Ibidim*, p. 197-198.

<sup>137</sup> VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE, W. Dicionário Vine, p. 563.

<sup>138</sup> *Ibidim*, p. 563.

Porém, há uma distinção importante entre o termo *dia/konoj* e o termo *douloj*, que também é traduzido por servo ou escravo, que deve ser observada. O termo *diácono* encara o servo em relação ao seu trabalho; o termo *doulos* o vê em relação ao seu mestre.<sup>139</sup>

Verificando todas estas ideias presentes no termo diaconia e também no termo diácono, percebe-se que eles tratam de alguém que se submete a outra pessoa, um servo, até mesmo um escravo. Mas a compreensão mais completa do termo é encontrada em seu uso atributivo a Jesus Cristo.<sup>140</sup>

Ele, o Filho de Deus, o Senhor e Mestre, se torna servo de todos e lhes lava os pés (Jo 13.1-15). Com isso ele prefigura o evento na cruz. Porque ele “não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mc 10.45). Seu serviço, portanto, não é apenas atender à mesa, não é apenas lavar exteriormente os pés dos seus discípulos, não é apenas auxílio para a vida, mas é a entrega de sua vida. A *diakonia* adquire seu verdadeiro e profundo significado nesse sacrifício na cruz.<sup>141</sup>

A igreja, como serva de Deus (diaconisa), deveria seguir o que Jesus ordena no próprio texto de João 13.15: “Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também.” A igreja só cresce naturalmente quando serve. Servir não é apenas uma ajuda que se dá, mas é um compromisso de vida, é uma entrega em prol do Reino de Deus.<sup>142</sup> A igreja serve quando usa os seus dons, e através deles estabelece ministérios que são sustentados pela fidelidade dos membros nas suas contribuições financeiras.

### 3.1 Dons para o serviço

Dons do Espírito Santo são “uma demonstração sobrenatural da graça ou habilidades especiais que nosso soberano Deus colocou nas vidas dos crentes para a edificação da igreja, o corpo de Cristo. Sem nenhum mérito de nossa parte”. Eles também podem ser definidos como “qualquer habilidade que é delegada pelo Espírito Santo e usada em qualquer ministério da igreja”.<sup>143</sup>

Outras definições afirmam que “os dons espirituais são meios pelos quais o Espírito revela o poder e a sabedoria de Deus através de instrumentos humanos, que os recebem e bem

<sup>139</sup> VINE, W. E.; UNGER, M. F.; WHITE, W. Dicionário Vine, p. 563.

<sup>140</sup> WEYEL, H. Meu sonho de igreja, p. 197-198.

<sup>141</sup> *Ibidim*, p. 197-198.

<sup>142</sup> SCHWARZ, C. A. Mudança de paradigma na igreja, p. 173.

<sup>143</sup> ROBINSON, D. W. Igreja celeiro de dons, p. 49-50.

usam”<sup>144</sup>, ou então que o “dom espiritual é uma dádiva (ou graça) dada pelo Espírito Santo para edificação espiritual, resultando no crescimento do Corpo de Cristo e na glória de Deus.”<sup>145</sup>

Stott, em sua definição, diz que os dons espirituais são:

“Certas capacidades, concedidas pela graça e o poder de Deus, que habilitam pessoas para serviços específicos e correspondentes”. Um dom espiritual é, portanto, não a capacidade em si, nem um ministério ou função propriamente dito, mas a capacidade que qualifica uma pessoa para o ministério.<sup>146</sup>

Há pelo menos três termos diferentes usados pelos escritores bíblicos quando estes se referiam a um dom: *xarisma* (charisma), que significa dom da graça de Deus; *diakonía* (diakonia), que se refere às maneiras de servir; e *e)ne)rgema* (enérgema), que são energias, poderes e atividades que Deus inspira em todos.

Deve-se ressaltar, porém, que a mesma palavra grega (*xarisma*) é usada tanto para se referir à experiência da conversão como também para as diferentes capacitações que o cristão recebe do Espírito Santo. Para se obter a definição correta, deve-se observar o contexto que acompanha o termo. O termo *charisma* traz consigo a seguinte ideia:<sup>147</sup>

A de um dom gratuito e imerecido, alguma coisa dada ao homem sem trabalho nem merecimento, algo que vem da graça de Deus e que nunca poderia ter sido realizado, galgado ou possuído pelo esforço do próprio homem.<sup>148</sup>

Deus deu à igreja uma infinidade de dons necessários para a realização do plano de Deus!

### 3.1.1 A diversidade dos Dons

Muitos cristãos têm limitado ao máximo a lista de dons, afirmando existir apenas três: línguas, profecias e curas.<sup>149</sup> Para se chegar a uma conclusão diferente, basta apenas observar as listas mais importantes sobre os dons do Novo Testamento (Romanos 12; 1Coríntios 12; Efésios 4). Elas apresentam grandes diferenças entre si.<sup>150</sup>

<sup>144</sup> BERGSTÉN, E. Introdução à teologia sistemática, p. 121.

<sup>145</sup> KORNFIELD, D. Desenvolvendo dons espirituais e equipes de ministério, p. 29.

<sup>146</sup> STOTT, J. R. W. Batismo e plenitude do Espírito Santo, p. 65.

<sup>147</sup> BARCLAY, W. Palavras chaves do Novo Testamento, p. 39-41.

<sup>148</sup> *Ibidim*, p. 39-41.

<sup>149</sup> *Ibidim*, p. 65.

<sup>150</sup> SCHWARZ, C. A. As três cores dos seus dons, p. 50.

Na primeira lista, registrada no começo de 1 Coríntios aparecem nove dons. Também é verdade que a segunda lista, no fim do mesmo capítulo, também abrange nove dons, mas somente cinco destes coincidem com a primeira lista. De forma que, mesmo em 1 Coríntios, são pelo menos 13 dons. Depois há uma lista de sete dons em Romanos 12 (dos quais cinco não ocorrem em nenhuma lista de 1 Coríntios 12) e outra lista, de cinco dons, em Efésios 4 (dos quais dois são novos).<sup>151</sup>

Avaliando-se estas diferenças, pode-se concluir que nenhuma destas listas pretende ser a lista completa dos dons que Deus deu à Sua igreja. Além disso, esta diferença comprova que Deus reveste cada igreja com os dons que ela precisa para executar perfeitamente a obra que Deus atribuiu a ela.<sup>152</sup>

Em todo o Novo Testamento, pode-se encontrar referência a cerca de vinte ou mais dons.<sup>153</sup> O autor Robinson, em sua obra, descreve dezenove destes dons encontrados no Novo Testamento, organizando-os em três categorias: *Dons de Sinais* – milagres, curas, línguas e interpretação de línguas; *Dons de Apoio* – apóstolos, profetas, evangelistas, pastores, mestres, fé, discernimento, sabedoria e conhecimento; *Dons de Serviço* – ministério/serviço/socorros, exortação, administração/liderança, misericórdia, contribuição e hospitalidade.<sup>154</sup>

Nunca pode ser esquecido o fato de que “Deus é um Deus de uma diversidade rica e colorida”. A tendência do ser humano sempre é limitar esta diversidade que faz parte da natureza de Deus. Mas basta olhar para a criação para se observar que nada do que foi criado pode ser considerado uma cópia exata. Deus ama a diversidade.

Pedro expressa isso ao falar da “multiforme graça de Deus” (1Pe 4.10). A palavra multiforme “era usada para se referir a mármore, tecidos bordados e tapetes orientais. A graça de Deus é como uma tapeçaria detalhada, e a rica diversidade dos dons espirituais é como os diversos fios de muitas cores que são entrelaçados para formar a beleza do conjunto”.

O fato de serem especificados apenas vinte dons no Novo Testamento não indica que não possam existir mais. Deus, que ama a diversidade, pode muito bem conceder inúmeros outros dons à Sua igreja.<sup>155</sup>

---

<sup>151</sup> STOTT, J. R. W. Batismo e plenitude do Espírito Santo, p. 65.

<sup>152</sup> SCHWARZ, C. A. As três cores dos seus dons, p. 50.

<sup>153</sup> STOTT, J. R. W. *Op. Cit.*, p. 66.

<sup>154</sup> ROBINSON, D. W. Igreja celeiro de dons, p. 82.

<sup>155</sup> STOTT, J. R. W. *Op. Cit.*, p. 66.

A ênfase não deve recair sobre o tipo de dom que a pessoa recebeu, mas, sim, no fato de ela realmente usar o que recebeu de Deus na obra do Senhor<sup>156</sup>. Por isso, é importante que cada membro da igreja entenda o propósito dos dons.

### 3.1.2 Os propósitos dos Dons

Acima de tudo, pode-se afirmar que os dons são dados para serem usados. Assim como todos os membros do corpo realizam cada um a sua função, também todos os membros devem usar seus dons. Muitas pessoas têm uma visão errada dos propósitos dos dons. Acham que eles servem para seu próprio deleite. Outros pensam que seu propósito principal é adorar a Deus, diante disso acham que o seu uso fica restrito aos momentos de culto.

Mas a Palavra de Deus é clara ao afirmar que o propósito dos dons é a edificação da igreja, tanto que os dons inúmeras vezes são chamados de “dons de serviço”. Além de edificar a igreja (Ef 4.11-13), os dons também têm como propósito: servir uns aos outros (1Pe 4.10) e glorificar a Deus (1Pe 4.11).

A palavra edificação significa literalmente construir – cidades, casas, sinagogas. Ela é aplicada figuradamente à igreja com o sentido de “fortalecer, estabelecer, fazer crescer em número e maturidade”.<sup>157</sup> Como o principal propósito dos dons é a edificação, pode-se concluir que eles jamais irão dividir o Corpo de Cristo que é a igreja, mas pelo contrário, os dons devem sempre unir a igreja de Jesus Cristo.

Em outras palavras, pode-se dizer que Deus deu certo serviço a cada cristão, e lhe concedeu dons sobrenaturais que o capacitem a realizar esta tarefa. Ressalta-se ainda, que se o ser humano recebeu uma tarefa e todas as condições para executá-la, ele terá que prestar contas pelo que fez ou realizou. A Bíblia ensina que um dia todos estarão diante do trono e terão que prestar contas daquilo que fizeram, da forma como utilizaram seus dons (2Co 5.10).<sup>158</sup>

Em momento algum é dado ao portador do dom o direito de usá-lo quando ou como achar melhor. Os dons sempre devem ser usados conforme a direção de Jesus Cristo que é a cabeça de toda a igreja. Além de edificar a igreja, os dons ainda têm outras finalidades que se entrelaçam: servem para o aperfeiçoamento dos crentes; servem como capacitadores dos

---

<sup>156</sup> SCHWARZ, C. A. As três cores dos seus dons, p. 50.

<sup>157</sup> *Ibidim.*, p. 81-86.

<sup>158</sup> GRAHAM, B. O poder do Espírito Santo, p.132.

ministérios da igreja; ajudam para que cada crente possa se sentir ativo dentro da igreja; ajudam na obra de evangelização que cabe à igreja executar.<sup>159</sup>

O autor Robinson enfatiza o fato de que:

Temos que usar nossos dons espirituais particulares para exaltar o Salvador, edificar o corpo de Cristo, aperfeiçoar o povo de Deus e evangelizar os não crentes. Como crentes individuais, devemos entender que nossos dons não são para o nosso auto-engrandecimento, nem para obtenção de posição, nem para obtermos lucros. Os dons pertencem ao corpo. Devemos dedicar os nossos dons ao corpo de Cristo e usá-los dentro do corpo.<sup>160</sup>

Enfatiza-se neste ponto ainda o fato de que todos os dons devem ser exercidos em amor para que produzam o resultado desejado. Sem o amor, todos os dons perdem totalmente o seu valor. Esta afirmação não tem como objetivo levar o ser humano a escolher entre os dons e o amor, porém, enfatizar que as duas coisas andam juntas (CI 3.14).<sup>161</sup>

Será que todos os dons concedidos à Igreja Primitiva continuam a existir no presente? Se não existirem mais, pode-se concluir e justificar que a igreja atual não poderá crescer como a Igreja Primitiva, visto que não recebeu a mesma capacitação.

### 3.1.3 A atualidade dos Dons

Na diversidade dos dons, pôde-se observar que há dons, distribuídos às igrejas dos dias atuais, que não constam nas listas do Novo Testamento. Ao mesmo tempo, há teólogos conservadores que afirmam que, dos dons relacionados nas listas, nem todos continuam sendo concedidos. Entre estes dons que teoricamente teriam desaparecido, são citados o dom de apóstolo e o de profeta.

Em sua defesa, ao falar sobre o dom de apóstolo, estes teólogos afirmam que este dom se refere a um grupo especial de homens que foram testemunhas oculares do que Jesus fez, principalmente da Sua ressurreição, que foram também indicados e autorizados por Cristo como também foram inspirados pelo Espírito Santo para o seu ministério de ensino. Neste sentido, e que segundo estes teólogos é o correto para a interpretação do dom de apóstolo, não se pode encontrar mais sucessores, portanto é um dom que não existe mais.

---

<sup>159</sup> BERGSTÉN, E. Introdução à teologia sistemática, p. 122-124.

<sup>160</sup> ROBINSON, D. W. Igreja celeiro de dons, p. 53.

<sup>161</sup> STOTT, J. R. W. Batismo e plenitude do Espírito Santo, p. 85-86.

Depois, ao argumentar sobre o dom de profeta, alguns teólogos esclarecem que o profeta, principalmente no Antigo Testamento, “era um instrumento da revelação divina, a quem vinha a Palavra do Senhor e que, portanto, pronunciava as próprias Palavras de Deus”. Nos dias atuais, a revelação da Palavra de Deus já está completa. O alicerce já está lançado e não pode ser colocado novamente; por isso, afirmam que o dom de profeta também não existe mais.<sup>162</sup>

Mas nem todas as pessoas concordam com esta afirmação. Sousa, por exemplo, afirma categoricamente que:

Os dons são dados à Igreja com a finalidade de equipá-la e habilitá-la para a realização da tarefa de evangelizar e ganhar o mundo para Cristo e, esta missão da Igreja findará com a vinda de Jesus. Portanto, o tempo estabelecido por Deus para a cessação dos dons é a vinda de Cristo.<sup>163</sup>

Uma forma mais sensata de conciliar estas ideias, sem recorrer a extremos, é apresentada pelo teólogo Robinson. Ele apresenta todos os dons, inclusive o de apóstolo e o de profeta, como existentes também na igreja dos dias atuais. Os dons ainda existem, mas a motivação, o propósito e o significado deles é que mudou. Como exemplo, pode-se citar o dom de apóstolo. Este dom foi usado originalmente para se referir às pessoas que estavam com Jesus, andaram com Ele e ouviram Seus ensinamentos. Neste sentido, pode-se dizer com toda a convicção que não existem mais apóstolos.

Entretanto, o dom do apostolado continua existindo, porém ele já não se refere mais às pessoas que andaram com Jesus e “nem inclui a autoridade de receber revelações e nem de escrever as Escrituras”, mas se refere a “pessoas que são enviadas por Deus para uma missão especial”, que recebem do Espírito Santo grande habilidade para se infiltrar numa nova cultura e lá levar o Evangelho e desta forma plantar novas igrejas.

Com relação ao dom de profeta, o autor também sugere que o seu significado tenha mudado. Nos dias atuais, a pessoa que tem o dom de profecia já não recebe uma nova revelação de Deus que será registrada no Cânon das Escrituras, mas recebe a verdade de Deus, que está em pleno acordo com a Escritura, e de forma muito clara consegue aplicá-la à vida de seus ouvintes, de tal maneira que eles venham a se sentirem desafiados a tomarem uma decisão.

---

<sup>162</sup> STOTT, J. R. W. Batismo e plenitude do Espírito Santo, p. 73-75.

<sup>163</sup> SOUZA, E. Á. Nos domínios do Espírito, p. 123-124.

Os dons continuam a existir, isso quanto a seus nomes. No que se refere a seus significados e propósitos, eles podem ter sido mudados.<sup>164</sup> Tendo claro o que são, seus propósitos e o fato de ainda existirem, não resta dúvida de que são essências no que se refere ao serviço da igreja, sendo, portanto, também importantes para o crescimento da mesma.

Na Igreja Primitiva, os dons ocupavam lugar de destaque e a todo o momento podia-se visualizar pessoas sendo usadas por Deus através de seus dons. Negligenciar os dons representa tornar a igreja inerte, pois os dons produzem os diversos ministérios!

### 3.2 Ministérios para o serviço

“Para designar os ministérios na Igreja, o Novo Testamento evita empregar expressões que possam dar idéia de poder, dignidade ou exercício de função sacerdotal. Geralmente, ali estas funções são designadas como *diaconia*.”<sup>165</sup>

Quem trabalha no ministério pode ser considerado um ministro, que é:

uma pessoa a quem foi dado o direito de agir com independência, em seu próprio nome, mas para o bem de outro. Em outras palavras, o ministro é uma pessoa a quem outra entregou a sua propriedade a fim de que a administrasse, esperando que o faça com responsabilidade e que ela se desenvolva e se multiplique.<sup>166</sup>

Já por natureza, o ser humano deveria ser ministro da grande criação de Deus. Deus a entregou nas mãos do ser humano para que ele a administrasse segundo os princípios de Deus, o que lamentavelmente não aconteceu. Mas Jesus, devido ao Seu grande sacrifício na cruz, restabeleceu a condição de mordomo ao ser humano, isso quando ele se submete a viver segundo a vontade de Deus. Jesus não apenas restituiu a função, mas pelo Espírito Santo capacitou o ser humano para cumprir a tarefa de Deus.<sup>167</sup>

O apóstolo Pedro concorda com a idéia de que todos os cristãos são ministros de Deus. Ele até os chama de sacerdotes (1Pe 2.9), atribuindo desta forma duas funções aos cristãos: a de representar outros diante de Deus e Deus diante deles, e a de servir a Deus dentro de uma área específica à qual Ele os chamou.<sup>168</sup>

<sup>164</sup> ROBINSON, D. W. Igreja celeiro de dons, p. 98-101.

<sup>165</sup> BITTLINGER, A. Dons e ministérios, p. 7-12.

<sup>166</sup> *Ibidim*, p. 10-11.

<sup>167</sup> *Ibidim*, p. 7-23.

<sup>168</sup> KORNFIELD, D. Desenvolvendo dons espirituais e equipes de ministério, p. 19.

O ministério cristão é algo muito sério, e por isso não deve ser exercido de qualquer forma. A Bíblia, sem dúvida alguma, é a norma que rege todos os ministérios na igreja.

### 3.2.1 Os princípios neotestamentários do ministério cristão

O Novo Testamento deixa claro, dentro da grande diversidade de ministérios existentes, “características fundamentais que fazem a unidade e a originalidade dos ministérios cristãos.” Entre estas características, que são funcionais, se destacam:

*1 – Os ministérios estruturam a igreja* – Deus jamais viu a igreja como sendo uma instituição desorganizada e desestruturada, pelo contrário, as figuras bíblicas do corpo (1Co 12.12-30) e a imagem da casa (1Co 3.10-15) traduzem o anseio de Deus por uma igreja estruturada. A igreja deve ser um povo organizado, uma comunidade estruturada onde cada pessoa cumpre a sua função segundo a orientação do Mestre.

*2 – Os ministérios são dons concedidos pelo Espírito à Igreja* – O Espírito Santo distribui os dons de acordo com as necessidades da igreja, e cada pessoa (pois todos são portadores de algum dom) deve usá-los nos ministérios a eles correspondentes. Daí a grande necessidade de se colocar cada pessoa num ministério correspondente ao dom que esta pessoa tem.

*3 – Os ministros exercem a autoridade de Cristo* – por serem movidos pelos dons concedidos por Deus, os ministérios são direcionados por pessoas que receberam autoridade de quem é a Cabeça do Corpo, que é Cristo, o que se constitui um grande privilégio, mas também é uma enorme responsabilidade.

*4 – A autoridade deve ser um serviço e não uma dominação* – Nem mesmo o próprio Cristo, ao qual foi entregue toda a autoridade, preocupou-se em dominar os homens, mas em humildade os serviu, o que é o grande exemplo para o ministério cristão.

*5 – A autoridade está a serviço da Palavra de Deus* – “Assim, no Novo Testamento, a primeira tarefa concreta do ministro é a de continuar o anúncio da Boa Nova, inaugurado por Cristo.” Qualquer outro trabalho que não estiver relacionado com a Palavra de Deus não pode ser considerado ministério cristão.

*6 – A autoridade está a serviço da comunidade* – O ministério cristão é exercido dentro da comunidade e também para a comunidade. Jamais pode ser algo individualista, ou seja, que

beneficia apenas a pessoa que o exerce. Pelo contrário, os grandes beneficiados do ministério cristãos são sempre as outras pessoas, é sempre o próximo.

7 – *O ministro não pode pretender nenhum monopólio* – Não há apenas um grande privilegiado na comunidade dos salvos, à qual foram entregues todos os dons, mas todos os salvos receberam algum dom que se complementa com os demais, tornando a igreja muito mais completa para a sua grande missão, e por isso, todos trabalham em conjunto e todos são igualmente importantes.<sup>169</sup>

O ministério cristão é um projeto que brotou do coração de Deus, e por isso deve seguir o plano traçado por Ele.

### 3.2.2 Os ministérios cristãos no plano de Deus

O ministério cristão não é uma atribuição humana, mas divina, e por isso deve seguir o caminho traçado por Deus. Mas o que será que Deus pensa sobre os ministérios? Uma resposta para esta pergunta é que *os ministérios situam-se na igreja*. É para o fortalecimento, crescimento da igreja que existem os ministérios, além de serem os canais pelos quais a igreja cumpre a sua missão no mundo. A igreja é um organismo vivo, composto por diversos membros, cada um com o dom que o capacita para um ministério correspondente. Quando a igreja não é compreendida desta forma, conseqüentemente não terá uma compreensão correta sobre os ministérios.

Outra resposta para esta pergunta é que *os ministros asseguram uma função na igreja*. O próprio termo usado para a palavra ministério (diaconia) significa serviço. “O ministério não se define por si mesmo, define-se por seu papel na Igreja, pelo serviço que presta a todo conjunto, por sua ‘função’.” O termo função designa “a ação, o papel característico de um elemento, de um órgão, num conjunto” e aponta para um trabalho que os ministros têm na Igreja. A própria metáfora do corpo, usada para representar a igreja, mostra que cada membro tem a sua função, e por isso pode ser considerado um ministro. “Num corpo, o bom desempenho de uma função assegura a saúde do corpo, seu desenvolvimento harmonioso”. O mesmo acontece na igreja quando os membros entendem que têm uma função a cumprir.<sup>170</sup>

---

<sup>169</sup> LEMAIRE, A. *Os ministérios na igreja*, p. 25-36.

<sup>170</sup> *Ibidem*, p. 100-107.

No plano de Deus, *os ministérios significam e atualizam a missão de Cristo*. Isso não significa que os ministros assumem o lugar de Cristo, mas, pelo contrário, eles cada vez mais tornam evidente o agir de Cristo dentro e fora da igreja. É através deles que a Cabeça comanda e dirige todo o corpo.<sup>171</sup>

Para Deus, *os ministérios são dons do Espírito Santo*. Diante desta afirmação, pode-se concluir que não é a igreja que escolhe os seus ministros, mas é o próprio Espírito que o faz quando distribui os dons. Além disso, pode-se concluir também que cada cristão deve se envolver em um ministério correspondente ao dom que Deus lhe deu. Isso implica um grande discernimento espiritual, que terá como consequência pessoas trabalhando com o máximo de seu potencial.<sup>172</sup> Por serem dons do Espírito Santo, pode-se concluir que todas as pessoas na igreja devem fazer parte de algum ministério, visto que todos receberam algum dom.

### 3.2.3 Os ministérios: funções que abrangem toda a igreja

Ao se verificar a ligação direta existente entre os dons e os ministérios, fica fácil concluir que se todos os cristãos recebem um dom, conseqüentemente todos os cristãos têm uma função no Corpo de Cristo, o que caracteriza um ministério. Da mesma forma, como os dons são uma dádiva de Cristo à igreja, também o são os ministérios.

Por serem para toda a igreja, eles têm também funções coletivas, que podem ser classificadas em *imediatas* e *remotas*. Uma das funções imediatas é o *aperfeiçoamento dos santos*, que é uma função técnica da medicina grega e que pode ser traduzida por: “reduzir fraturas ou luxações”, ou então com o sentido de “repor uma coisa no lugar próprio.” O trabalho do ministro é muito parecido com o da pessoa que conserta redes, ou seja, é algo trabalhoso, que exige cuidado e atenção, e acima de tudo, muita paciência. Outra função imediata é a *edificação do Corpo de Cristo*, em que há um crescimento conjunto. Esta edificação deve ser realizada com os materiais mais nobres e da melhor forma possível, para que desta forma seja considerada aprovada por Deus.

Uma das funções remotas é a *unidade da fé*. “Quanto mais nos entregamos a Deus, tanto mais cresce a nossa confiança nele, pois experimentamos constantemente que Deus não abandona quem nele confia. O essencial na unidade da fé é estarmos todos unidos numa inabalável confiança em Deus.” Outra função remota é levar os membros do Corpo de Cristo ao *pleno*

<sup>171</sup> OLIVEIRA, R. F. *Teologia do obreiro*, p. 19-21.

<sup>172</sup> LEMAIRE, A. *Os ministérios na igreja*, p. 100-107.

*conhecimento do Filho de Deus.* “O pleno conhecimento só é alcançado pelo amor. No uso hebraico, ‘conhecer’ era sinônimo de ‘relações conjugais’... Isso quer indicar que um verdadeiro conhecimento só é alcançado através de profunda comunhão de vida com Deus.”

Quando a igreja atinge a unidade da fé e o pleno conhecimento de Deus, ela chega ao “*estado de homem perfeito, a medida da estatura da plenitude de Cristo*”. Isso é a marca de uma igreja verdadeiramente madura. Entendendo as funções, percebe-se o quão importantes são para a igreja os ministérios, os quais são para todos os membros, o que lamentavelmente não é uma realidade nas igrejas dos dias atuais, e é o que faz com que as igrejas sejam tão imaturas espiritualmente.<sup>173</sup> E, além da imaturidade, a falta de ministérios revela que os dons não estão sendo usados, o que se reflete diretamente no crescimento da igreja. Cabe ressaltar que os ministérios não se sustentam apenas com os dons, e por isso torna-se indispensável o auxílio financeiro dos irmãos à obra do Senhor.

### 3.3 Recursos para o serviço

Jesus constituiu a igreja baseada em vários objetivos, pelos quais ela deveria lutar e que constituem sua essência: evangelização, missões, adoração, ensino e comunhão. Mas para que a igreja atinja estes objetivos, é importantíssimo arrecadar recursos humanos e materiais. Os recursos humanos, como já visto anteriormente, estão baseados nos dons e nos ministérios a eles correspondentes. Falta ainda a arrecadação de recursos financeiros, o que é denominado de *mordomia dos bens*.<sup>174</sup>

Mordomo é chamado aquele que administra os bens de outro; é o depositário e o despenseiro desses bens. Tem ele de cuidar e agir com eles, visando o interesse de seu dono; daí a sua grande responsabilidade. O sistema de mordomia descansa, quase exclusivamente, sobre a confiança do dono dos bens na honestidade e fidelidade do seu mordomo e do mordomo na atitude correta para com seu senhor. **É, pois, um sistema mais de fé do que de lei.**

É exatamente esta a relação que existe entre nós os homens, principalmente dos crentes salvos, e Deus. Deus é dono de TUDO, tanto de nós como daquilo que possuímos.<sup>175</sup>

A doutrina da mordomia já começa a aflorar no primeiro capítulo de Gênesis, “quando Deus manifesta a sua intenção de delegar ao homem... a responsabilidade de exercer o controle sobre as demais coisas criadas” (Gn 1.26). E logo no começo Deus já impôs as regras desta

<sup>173</sup> BITTLINGER, A. *Dons e ministérios*, p. 55-99.

<sup>174</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *Teologia da mordomia cristã*, p. 13-16.

<sup>175</sup> PITROWSKI, R. *A mordomia cristã e o dízimo*, p. 15.

mordomia: administrar da forma como Deus quer, usufruir da sua administração e, por fim, há uma restrição, algo que não cabe ao homem desfrutar. “Na mordomia, a responsabilidade e a fidelidade são requeridas. No usufruto, a dependência e os privilégios são destacados, e na restrição, o respeito e a consideração são vindicados.”<sup>176</sup>

Ao se falar sobre a mordomia cristã, não se pode esquecer de falar sobre o dízimo. Dízimo e mordomia cristã são assuntos tão relacionados que não se pode falar de um sem citar o outro. Em outras palavras, a mordomia cristã só existe onde há a contribuição dos dízimos. A mordomia cristã é a motivação pela qual o dízimo é entregue a Deus. Quando o ser humano esquece que é mordomo da criação, e passa a se sentir dono dela, esquece-se de dar a Deus o que é de Deus.<sup>177</sup>

Um grande erro, difundido na atualidade, é a motivação errada ao se contribuir para o Reino de Deus. Muitas pessoas têm contribuído porque creem que irão receber 100 vezes mais o que deram. Outros contribuem porque acham que desta forma estão garantindo as bênçãos de Deus, ou seja, Deus se torna obrigado a atender os seus pedidos. Estas e outras motivações erradas têm surgido no meio evangélico devido a dois fatores: (1) A precária situação sócio-econômica de muitas pessoas, que anseiam desesperadamente por uma mudança de vida; (2) e a falta de um ensino profundo e correto da Palavra de Deus, acarretando interpretação humanista da Bíblia.<sup>178</sup>

Os recursos necessários à manutenção da obra de Deus provém de duas fontes principais: o dízimo e ofertas voluntárias.

### 3.3.1 Os recursos obtidos através do dízimo

O termo traduzido na Bíblia por dízimo provém do termo hebraico *rec28am* (*maaser*) e do grego *de/katoj* e ambos se referem à décima parte de algo. “O dízimo é um tributo devido a Deus pelo homem, em sinal de dependência e reconhecimento pelo seu domínio. Trata-se da parte das rendas e aquisições, que ao homem não é lícito usufruir, e que deve ser consagrada a Deus.”<sup>179</sup>

<sup>176</sup> CONTU, L. *Dando a Deus o que é de Deus*, p. 5-19.

<sup>177</sup> DOUGLAS, K. *Celebrando o amor de Deus*, p. 225-226.

<sup>178</sup> CONTU, L. *Op. Cit.*, p. 5-10.

<sup>179</sup> *Ibidim*, p. 5-10.

A prática de dar o dízimo vem de tempos antigos e não é exclusividade da cultura hebraica. A Arqueologia, em suas descobertas, revelou que gregos, romanos e até árabes tinham o costume de dar 10% da sua renda ou ao governo ou a sua entidade religiosa. A Bíblia é clara sobre o assunto dízimo, e o relaciona sempre à devoção religiosa, isso até mesmo antes de se estabelecer a cultura judaica. Um exemplo disso é Abraão, que dá o dízimo a Melquisedeque. “O fato é que desde os tempos mais remotos, Deus reivindica o dízimo como seu” (Lv 27.30-32).

Mas por que a décima parte? Uma das explicações possíveis vem do antigo costume de se contar os números em unidades de dez. Mas a explicação mais plausível é que o dízimo, como forma de contribuição, coloca todos em pé de igualdade diante de Deus. Ninguém dá demais e ninguém dá muito pouco. Tanto ricos como pobres contribuem com 10%, ou seja, o mesmo valor.

O dízimo não é apenas uma quantidade de dinheiro. O “dízimo é um dos indicativos mais significativos da lealdade do crente a seu Senhor.”<sup>180</sup> A restrição é a parte que cabe a Deus e não ao homem. Lançar mão do que é proibido não é usufruir, mas é usurpar. Quando o ser humano não dá o dízimo, ele se coloca no lugar de Deus, pois se assenhora daquilo que pertence a Deus. Não dar o dízimo é roubar ao Senhor. Dízimo também não deve ser visto como um pagamento. É respeito, é devolução.<sup>181</sup>

Quanto a sua aplicação, o dízimo deve: *1 – Promover o culto a Deus*: no Antigo Testamento o dízimo era separado para os serviços no Tabernáculo; *2 – Sustento dos obreiros*: os Levitas não tinham herança, mas recebiam seu sustento dos demais (Nm 18.21; 1Co 9.3-14); e *3 – Assistência social* (Dt 26.12-15).<sup>182</sup>

Não se pode negar a existência de benefícios concedidos aos cristãos que são dizimistas (Mt 3.7-12).<sup>183</sup> Entre estes benefícios se destaca: *1 – Mantimento para a casa do Senhor*: o primeiro grande benefício é voltado para Deus. Não há bênção maior do que o crescimento da Obra do Senhor; *2 – Provisão de origem espiritual* (Mt 3.10): bênçãos as quais Deus quer derramar sobre o seu povo. Cabe esclarecer que a palavra bênção sempre tem mais a ver com a área espiritual do que material; *3 – Proteção contra prejuízos* (Mt 3.11): Deus garante a sua

<sup>180</sup> CONTU, L. *Dando a Deus o que é de Deus*, p. 5-60.

<sup>181</sup> DOUGLAS, K. *Celebrando o amor de Deus*, p. 226.

<sup>182</sup> CONTU, L. *Op. Cit.*, p. 5-60.

<sup>183</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 227.

proteção sobre aquilo que o ser humano tem, porém isso não isenta o homem de administrar bem o que Deus lhe confiou; 4 – *Lucratividade no trabalho* (Mt 3.11b): necessariamente Deus não precisa fazer com que o ser humano ganhe mais, mas Ele faz com que o pouco que ele ganha se multiplique e seja suficiente para as suas necessidades; 5 – *Privilégios reconhecidos pelo mundo* (Mt 3.12): o que o homem recebe de Deus, na verdade não visa em primeiro lugar o seu deleite, mas visa a propagação do Evangelho.<sup>184</sup>

### 3.3.2 Recursos obtidos através de ofertas voluntárias

Além do dízimo, os cristãos são incentivados a contribuir com o Reino de Deus através de ofertas voluntárias. Estas ofertas são muito mais do que uma contribuição em dinheiro, mas constituem uma forma de adoração a Deus. Basta olhar para o contexto judaico como também para a Igreja Primitiva para se perceber esta grande verdade.<sup>185</sup>

No período da Velha Aliança as ofertas estavam ligadas ao serviço no templo. Sacrifícios de animais eram oferecidos a Deus, reconhecendo que toda vida veio dele. Mas na maioria das vezes alguns dos animais iam para o templo a fim de sustentar os que ali trabalhavam. O oferecimento das primícias, que não era um sacrifício, simbolizava que a oferta não passava de uma devolução a Deus do que era na verdade dele. As colheitas não eram dadas *a* ele, mas *por* ele, e portanto algumas eram devolvidas.<sup>186</sup>

Estas indicações referentes às ofertas realizadas no Antigo Testamento trazem luz sobre seu significado e aplicação. Já no Novo Testamento eram realizadas coletas para o uso local, visando principalmente os necessitados, abrangendo desta forma a área de ação social.

Também é interessante verificar que na Igreja Primitiva havia um total desprendimento das coisas materiais, e tudo o que as pessoas possuíam era usado para glorificar a Deus e estava à disposição de todos, segundo as suas necessidades. Esta forma de administrar os bens materiais reflete uma comunhão da oferta, uma fraternidade da oferta.<sup>187</sup>

Paulo, em suas indicações sobre o assunto relacionado a oferta, descreve algumas considerações importantíssimas: *a contribuição deve ser feita no Dia do Senhor*, indicando desta forma que o ofertório é uma forma de os cristãos louvarem a Deus como também Lhe prestarem culto.<sup>188</sup> Outra consideração é que *a contribuição deve ser feita sistematicamente*,

<sup>184</sup> CONTU, L. Dando a Deus o que é de Deus, p. 5-60.

<sup>185</sup> WILLIS, W. Adoração, p. 72-73.

<sup>186</sup> *Ibidim*, p. 72-73.

<sup>187</sup> *Ibidim*, p. 72-73.

<sup>188</sup> DOUGLAS, K. Celebrando o amor de Deus, p. 225.

dentro da programação da igreja, portanto, no culto. Paulo também deixa claro que a oferta *não tem um fim em si mesma*, mas tem um propósito muito amplo, pois representa a distribuição do amor de Cristo.<sup>189</sup>

A oferta representa também a *doação do ser humano a Deus*. É a resposta sensata que o ser humano dá a Deus diante da Sua enorme graça redentora. Diante desta afirmação, entende-se que não basta contribuir, mas é preciso primeiro ter a vida transformada por Deus. A oferta deve ser também *voluntária, zelosa e alegre*. Estas características a transformam em um momento de adoração em lugar de ser um pagamento, uma obrigação. Além disso, *um espírito generoso, um sentido de responsabilidade e um amor sincero* devem ser marcas de uma oferta genuína.<sup>190</sup>

A coleta é uma obra da “graça”..., significando que ela é motivada por Deus. Este termo enfatiza a mordomia dos cristãos. Todos recebem bênçãos de Deus em abundância..., e ele não ficará em débito para com os despenseiros responsáveis. À medida que contribuímos, ele supre as nossas necessidades.<sup>191</sup>

A mordomia cristã deve ser exercida de acordo com a Palavra de Deus. Lamentavelmente muitos líderes cristãos sem escrúpulos têm explorado seus membros, fazendo-os contribuir por interesses pessoais, e não mais segundo o propósito de Deus.

### 3.3.3 Bases teológicas da mordomia cristã

A base para a mordomia cristã está fundamentada no caráter de Deus. “A mordomia cristã não parte da necessidade do homem... nem da necessidade da igreja como instituição... mas parte do caráter de Deus.” Uma destas bases é a *santidade de Deus*. “O fiel mordomo cristão tem propósitos santos para seu corpo, para sua mente, para seu tempo, para os seus bens, para todo o seu viver.”<sup>192</sup> Isso implica refletir o caráter de Deus, de forma consciente e espontânea, na forma de agir e de ser. Representa uma consagração total de tudo o que o ser humano tem e tudo o que é nas mãos de Deus, para viver conforme Deus manda.<sup>193</sup>

A santidade de Deus impõe-nos que não menos do que tudo em nosso viver deve ser “santo ao Senhor”. Não apenas 10%, mas a totalidade do nosso ser deve ser separado do mundo para servir ao propósito de Deus. Não podemos

<sup>189</sup> WILLIS, W. *Adoração*, p. 72-73.

<sup>190</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 226-227.

<sup>191</sup> WILLIS, W. *Op. Cit.*, p. 72-73.

<sup>192</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *Teologia da mordomia cristã*, p. 35-55.

<sup>193</sup> DOUGLAS, K. *Op. Cit.*, p. 226-227.

consagrar a Deus a nossa sala, e aos demônios o quarto e a despensa. Todos os espaços ao nosso dispor pertencem a Deus.

Outra base é a *justiça de Deus*, que está intimamente relacionada com a Sua santidade. “Deus é a própria justiça em ação”. “A justiça de Deus clama pelo reconhecimento do direito de Deus e do direito do nosso próximo. Ser justo é ser obediente às leis de Deus. Mordomia total é a Justiça de Deus em ação, na totalidade da vida dos filhos de Deus.”<sup>194</sup>

A mordomia cristã também está baseada na *soberania de Deus*. Esta “nos conclama à participação responsável e criativa na obra da redenção e da criação de um novo mundo. Mordomia total é a consciência-confiança-entrega no poder de Deus. É o entendimento do senhorio de Cristo levado às consequências de um comprometimento com Deus.”<sup>195</sup>

Outra base, não menos importante que as anteriores, é o *amor de Deus*. “O amor de Deus manifesto em Cristo nos convida a uma dedicação sem reserva do nosso viver, pela confiança, pelo desejo de servir por amor. Mordomia total é o reconhecimento, na profundidade do ser, de que Deus nos ama; é a submissão ao amor de Deus.”

A Igreja Primitiva dispunha de recursos. Pessoas conscientes de seus dons envolviam-se ativamente em ministérios, proclamando efetivamente a Palavra de Deus. Além disso, todos disponibilizavam tudo o que tinham para a Obra de Deus. Entendiam que Deus é santo, e por isso suas vidas deveriam ser santas também (separadas para Deus apenas); entendiam que Deus é justo, e portanto deveriam agir com justiça, o que os impulsionava a dar tudo, pois Deus deu tudo o que o ser humano necessita: a vida eterna, além disso, tudo pertence a Ele, então nada mais justo do que Lhe devolver o que Lhe pertence.<sup>196</sup>

Uma igreja que não serve, não serve. Não há crescimento sem *diakonia*. O serviço que a igreja presta ao mundo inicia-se com o uso dos dons, que originam os diversos ministérios que necessitam ser amparados pelo sustento financeiro que provém do coração grato dos seguidores de Cristo.

---

<sup>194</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *Teologia da mordomia cristã*, p. 35-55.

<sup>195</sup> OLIVEIRA, R. F. *Teologia do obreiro*, p. 75.

<sup>196</sup> FALCÃO SOBRINHO, J. *Op. Cit.*, p. 35-55.

## IV – O CRESCIMENTO ATRAVÉS DO TESTEMUNHO – MARTIRIA

Testemunhar é “dar testemunho de ou acerca de; fazer declaração como testemunha; declarar ter visto, ouvido ou conhecido, perceber pela visão; ver, presenciar, tornar manifesto, expresso; revelar, mostrar com clareza; tornar evidente; confirmar, comprovar, demonstrar.”<sup>197</sup>

O termo *testemunho* vem do vocábulo grego “*martiría*” que compreende uma série de significados interessantes: era usado primeiramente para se referir a uma pessoa que faz declarações como testemunha. Mais tarde passa a denotar a “confirmação de um fato”. Seu contexto léxico pode ser definido como “relembrar”, ou seja, refere-se a alguma coisa que a pessoa experimentou e que não pode ser esquecida e negligenciada.

O âmbito original da palavra no mundo grego relaciona-se à esfera jurídica, indicando ação, sendo compreendida da seguinte forma: testemunho é “a confirmação de eventos ou de relações reais ou de fatos da experiência na base do conhecimento pessoal e direto”.<sup>198</sup>

A Septuaginta usou amplamente este termo, que aparece mais de 290 vezes. Além de lhe atribuir também um sentido jurídico, a Septuaginta o associa muitas vezes com a “arca do testemunho”. Já no Novo Testamento, este termo adquire importância especial no livro de Atos e nos escritos joaninos. No Novo Testamento é também atribuído ao termo um sentido jurídico, mas o que chama a atenção é seu uso referente à conduta humana. Quando o ser humano vive segundo a vontade de Deus, está sendo *martiria*, ou seja, um testemunho.<sup>199</sup>

Diante destas observações, pode-se chegar a algumas conclusões referentes ao termo, as quais revelam a sua importância para os cristãos dos dias atuais:

Em primeiro lugar, as testemunhas estão apaixonadamente envolvidas na causa que procuram apresentar. Foram arrebatadas por ela, de modo que tem uma compulsão interior para pleitear seus méritos diante de outras pessoas... não podem deixar de falar daquilo que viram e ouviram.

Em segundo lugar, as testemunhas são responsáveis pela veracidade de seu testemunho. O perjúrio era, e continua sendo, uma transgressão séria, sujeita severas penalidades...

---

<sup>197</sup> KOOGAN, A.; HOUAISS, A. Enciclopédia e dicionário digital, CD-ROM.

<sup>198</sup> COENEN, L.; TRITES, A. A. Testemunha, testemunho. In: BROWN, C. (edit). O novo dicionário internacional de Teologia do Novo Testamento, v. 4, p. 622.

<sup>199</sup> *Ibidem*, p. 610-620.

Em terceiro lugar, as testemunhas devem ser fiéis não somente aos simples fatos do evento de Cristo, mas também ao significado deles. Trata-se de apresentar Cristo e Sua mensagem com relevância, significação, que genuinamente lhes pertencem.<sup>200</sup>

A igreja não sobrevive sem o testemunho. Aliás, todos os cristãos são por natureza testemunhas de Cristo e de Seus feitos. Guardar esta mensagem representa se submeter a severo castigo. Anunciá-la de qualquer forma indica desleixo para com as coisas de Deus. Deus quer que Seus filhos anunciem a sua verdade, requisito importantíssimo para o crescimento da igreja.

Em Atos pode-se ver todos os cristãos sendo testemunhas dos feitos de Cristo em suas próprias vidas. Uma igreja autêntica tem como marca este testemunho. São estas as igrejas que crescem! Importante destacar que o testemunho dado pela igreja ocorre primeiramente através de vidas transformadas e no caminho da santificação, para depois transmitirem verbalmente o que Deus fez em suas vidas, contribuindo desta forma para o avanço missionário da obra de Deus, uma das máximas da igreja.

#### 4.1 Testemunho através da santificação

O testemunho da igreja inicia com vidas transformadas e santificadas. “‘Ser santo é ser separado’. ‘Ser santo é ser diferente’. São frases curtas, mas que definem muito bem a santificação. Moody, o grande pregador, afirmava que ‘ser santo é fazer aquilo que o pecador zomba e o Senhor coroa’.”<sup>201</sup>

Ao se olhar para o original hebraico e grego, percebe-se que o vocábulo tem o mesmo significado:

separado, consagrado e recriado para Deus. Quando aplicada às pessoas, como ‘os santos de Deus’ ou ‘santos’, a palavra implica em devoção e assimilação: devoção, no sentido de viver uma vida de serviço para Deus; assimilação no sentido de imitar, conformar-se a e tornar-se como o Deus a quem se serve.<sup>202</sup>

Há no processo de santificação a participação direta de Deus. Ela não cabe apenas ao homem ou a igreja. “A santificação é a obra contínua de Deus na vida do crente, tornando-o realmente

---

<sup>200</sup> COENEN, L.; TRITES, A. A. Testemunha, testemunho. In: BROWN, C. (edit). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento, v. 4, p. 610-620.

<sup>201</sup> ARAÚJO, S. C. Persiga a santificação, p. 9-12.

<sup>202</sup> PACKER, J. I. A redescoberta da santidade, p. 16.

santo. Por ‘santo’ entende-se aqui ‘portador de uma verdadeira semelhança com Deus’. A santificação é o processo pelo qual a condição moral da pessoa é moldada.”<sup>203</sup>

Cabe esclarecer que a santificação é um processo, e, portanto, é progressiva. Deus vai trabalhando a vida do ser humano com o objetivo de que este se torne a cada dia mais semelhante a Cristo. Ao mesmo tempo em que Deus efetua a santificação na vida do cristão, o ser humano tem a sua participação também neste processo. Cabe a ele “trabalhar e crescer nas questões que dizem respeito à salvação.”

Há uma estreita relação entre a salvação e a santificação. Não existe salvo que não busque a santificação, pois se existisse seria uma enorme contradição. Da mesma forma, a igreja não pode dar testemunho de Cristo se não viver como o seu Mestre. É de suma importância que a igreja apresente nitidamente em sua essência os dois conceitos básicos de santidade: (1) ser separada, desligada do que é ordinário ou mundano e dedicada a um propósito e a um uso particular; (2) não estar apenas separada para Cristo, ou pertencente a Ele, mas que venha agir como Cristo, vivendo em pureza e em bondade, o que caracteriza a sua situação moral.<sup>204</sup>

Igrejas sem esta marca não tem as mínimas condições para crescer, pois se o mundo não vê diferença entre o que a igreja é e o que o próprio mundo é, jamais os ímpios se sentirão impelidos a mudar de vida, a experimentar o novo, visto que é tudo igual.<sup>205</sup> Isso sem contar que a falta de santificação representa uma ação de rebeldia expressa contra os ensinamentos de Deus, pois a Palavra de Deus é clara ao afirmar que: “Pois esta é a vontade de Deus: a vossa santificação” (1Ts 4.3a).<sup>206</sup>

#### 4.1.1 A natureza da santificação

O grande questionamento não é o que o ser humano pensa sobre a santificação, mas como Deus a vê. A resposta para este questionamento só pode ser encontrada na Palavra de Deus, a qual define a natureza da santificação como:

*1 – “É o invariável resultado da união vital com Cristo” – onde não há santificação também não há união com Cristo! Quando o ser humano, através da conversão, se torna um com*

<sup>203</sup> ERICKSON, M. J. Introdução à teologia sistemática, p. 417-418.

<sup>204</sup> *Ibidem*, p. 417-418.

<sup>205</sup> SCHWARZ, C. A. O desenvolvimento natural da igreja, p. 26-27.

<sup>206</sup> RYLE, J. C. Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor, p. 38-47.

Cristo, ele assume as características de Cristo. Deus é santo, portanto seus filhos legítimos também o serão.<sup>207</sup>

2 – “*É o resultado e a inseparável consequência da regeneração*” – aquele que nasceu de novo tornou-se uma nova criatura, com uma nova natureza, com novos princípios que levam o cristão a buscar uma vida diferente da do mundo, que o impelem a viver tendo Cristo como grande exemplo.<sup>208</sup>

3 – “*É a única indiscutível evidência da presença habitadora do Espírito Santo*” – o Espírito Santo não habita de forma dormente na vida do cristão, mas é exatamente o contrário: “torna a Sua presença conhecida pelo fruto que faz brotar no coração, no caráter e na vida.” Fica claro desta forma que a santidade é evidenciada pelo fruto do Espírito Santo, que transparece em todas as áreas da vida.

4 – “*A santificação... é algo que sempre será visto*” – da mesma forma como uma árvore não consegue esconder seus frutos, o ser humano que busca uma vida de santidade também não conseguirá esconder os resultados desta busca. A falta de frutos representa a falta de santificação. As pessoas precisam notar nos cristãos que eles têm um tom, um gosto, um caráter e um hábito de vida completamente diferente das demais pessoas. Não há como ser luz em meio às trevas e não iluminar.

5 – *A santificação “é algo pelo qual todo crente é responsável”* – “Deus... lhes conferiu graça e um novo coração, bem como uma nova natureza, privou-os de toda a possibilidade de desculpa, se não estiverem vivendo para Seu louvor.” A clareza espiritual que é conferida ao cristão o faz ver a necessidade da santificação, pela qual terá prestar contas a Deus no dia do juízo.<sup>209</sup>

6 – “*A santificação... é algo que admite crescimento e que pode ter graus*” – é possível progredir como também regredir neste processo, e isso depende diretamente da vontade e busca do ser humano.<sup>210</sup>

7 – “*A santificação... não impede que um homem experimente intenso conflito espiritual interior*” – ela não é a garantia de plena paz espiritual, pois, afinal de contas, o ser humano,

---

<sup>207</sup> RYLE, J. C. Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor, p. 38-47.

<sup>208</sup> SHEDD, R. P. Lei, graça e santificação, p. 62-63.

<sup>209</sup> RYLE, J. C. *Op. Cit.*, p. 38-47.

<sup>210</sup> GUSSO, A. R. Bebendo da fonte, p. 49.

enquanto está neste mundo, continua tendo uma natureza pecaminosa que o leva a tropeços e a diversas lutas. Na verdade, a inquietação e os conflitos são marcas presentes no processo de santificação. Quanto mais clareza das fraquezas, tanto mais santidade há. Quanto menos clareza se tem, tanto mais longe de Deus se está.

8 – “*A santificação... é absolutamente necessária, para treinar-nos e preparar-nos para o céu*” – O céu é um lugar santo e onde a santidade habita em plenitude. Se o cristão vive incomodado com a necessidade da santificação, também não conseguirá viver em paz no além. É preciso já viver em parte aqui o que se irá experimentar lá.<sup>211</sup>

Mas como vivem então as pessoas que buscam a santificação? Qual é seu estilo de vida? Como se porta uma igreja santa?

#### **4.1.2 As características de uma pessoa que busca a santificação**

Há diversas marcas que podem ser citadas para uma pessoa que busca a santificação verdadeiramente, que podem e devem ser aplicadas também a igreja como um todo. Dentre estas marcas se destaca: a pessoa que busca a santificação *tem uma só mente com Deus*. Ama o que Deus ama; odeia o que Deus odeia. Vive exatamente como Deus quer que viva.

Outra marca bem presente é que *se esforça para evitar cada pecado conhecido e guardar cada mandamento revelado*. Nada mais do que a vontade de Deus interessa para esta pessoa. Ela evita qualquer contato com o pecado, não importando o tamanho do sacrifício necessário para se atingir esta meta.

Uma pessoa santa busca *imitar o exemplo de vida de Cristo*. Vive em amor, doação, comunhão, submissão, entre outras marcas. Sua vida torna-se um espelho da vida de Cristo. Quem olha para ela consegue ver o Mestre. Este é um grande desafio, pois Jesus foi perfeito em todos os aspectos e em todos os momentos. Esta imitação de Cristo faz com que o cristão manifeste o *fruto do Espírito*, que é outra marca de um viver santo.

Quem busca a santidade *busca também a autonegação*. Ele deixa de viver para que Cristo viva a partir dele. Não tem mais vontade própria e nem desejos. Tudo em sua vida é Cristo! Desta forma manifestará também outra marca, a *humildade*. Os outros se tornarão sempre

---

<sup>211</sup> RYLE, J. C. Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor, p. 38-47.

mais importantes do que a própria pessoa. Perceberá o quanto é falho, vendo-se sempre como o pior de todos os pecadores.<sup>212</sup>

Só pode buscar a santificação a pessoa que *enche a sua mente com coisas espirituais*. Seus olhos estão voltados para as coisas do alto. O mundo e tudo o que está a sua volta se torna algo secundário. Sua maior fonte de prazer está na comunhão com Deus por meio da oração, da leitura da Palavra e da reunião do seu povo.<sup>213</sup>

A santificação vai muito além do simples fato de se conversar sobre assuntos religiosos, vai além de conhecimentos bíblicos, vai além do fato de se pertencer a determinada religião. A santificação não consiste num mero formalismo externo, ou numa devoção exterior, uma fachada de pessoa “boa”. Vai muito além do fato de se isolar do mundo e se afastar das ocupações da vida.

Um homem santificado *procurará fazer o bem neste mundo*, diminuindo a tristeza e aumentando a felicidade. Terá como princípio o que o próprio Mestre Jesus tinha: *a transformação do mundo*.<sup>214</sup> Para que o ser humano chegue a este ponto, ele terá que trilhar um longo caminho.

#### 4.1.3 O caminho da santificação

Para que o cristão atinja as metas estabelecidas por Deus, e conseqüentemente a igreja atinja um padrão elevado de santidade, há um caminho a ser percorrido. Estas características não caem do céu. É Deus quem as dá, mas só depois que o ser humano cumpre o seu papel!

A primeira e principal etapa presente neste caminho é *considerar atentamente o exemplo de Jesus* (Ef 5.1-2), já que ser uma pessoa santa resume-se em ser igual a Cristo. A pessoa ou a igreja que tem como alvo a santificação mantêm seus olhos fixos em quem é o Grande Padrão. Quando os olhos estão comprometidos por demais com as coisas deste mundo, a igreja se torna também parecida com o que os seus olhos veem.

Há também a necessidade de *estar disposto a pagar o preço*. Muitos cristãos estão satisfeitos com a vida medíocre que levam. Contentam-se com muito pouco. Não querem investir um

---

<sup>212</sup> PACKER, J. I. *A redescoberta da santidade*, p. 16-18.

<sup>213</sup> GUSSO, A. R. *Bebendo da fonte*, p. 49.

<sup>214</sup> RYLE, J. C. *Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor*, p. 47-51.

pouco mais de seu tempo, um pouco mais de sua vida. Dão a Deus um pouco apenas, e acham que isso é suficiente.

Quem busca a santificação *não despreza a disciplina do Senhor* (Hb 12.10). Deus quer que seus filhos cresçam, e por isso, motivado pelo Seu grande amor, Ele os disciplina, fazendo-os retornar de seus maus caminhos. Desta forma seus filhos se tornam cada vez mais parecidos com Jesus, isso quando dão atenção à disciplina do Senhor. Os que a desprezam negligenciam a santificação.

A *vigilância constante* (Mc 14.38) faz parte deste caminho em direção à santificação. O inimigo dos cristãos não deseja que eles se tornem a imagem de Cristo. Além disso, a própria natureza pecaminosa do ser humano, quando deixada sem a devida vigilância, leva-o a trilhar caminhos contrários à vontade do Senhor.

Para se buscar a santificação, também é necessária a *manutenção dos valores absolutos* (Rm 12.2). Os padrões estabelecidos por Deus precisam ser mantidos. Pequenas concessões levam para um caminho exatamente contrário ao da santificação.<sup>215</sup>

Essa é a parte que corresponde ao ser humano. O grande detalhe é que não será por força própria que o ser humano alcançará a santificação. Os fariseus esforçavam-se ao máximo, tentando com as suas próprias forças tornarem-se perfeitos, porém nunca chegaram a este estágio, mas pelo contrário, crucificaram Aquele que deveria ser seu exemplo. A santificação só é possível quando Cristo habita plenamente no cristão, e este lhe dá plena liberdade para guiar a sua vida. É tudo pela graça, pois imitar a Cristo é uma missão praticamente impossível, a não ser que Cristo viva através do ser humano.<sup>216</sup>

Mas quando a igreja atinge o padrão de Cristo, representando a Sua presença aqui na terra, ela se torna uma forte e influente testemunha. Somente quando as suas atitudes estiverem condizendo com o padrão de Cristo, a igreja torna-se apta a ser também uma testemunha verbal.

## 4.2 Testemunho através da pregação

A pregação é uma das mais árduas e gloriosas tarefas que Deus delegou ao ser humano. “O pregador é um despenseiro dos mistérios de Deus, ou seja, da auto-revelação que Deus

<sup>215</sup> ARAÚJO, S. C. *Persiga a santificação*, p. 38-46.

<sup>216</sup> SHEDD, R. P. *Lei, graça e santificação*, p. 54-58.

confiou aos homens e é preservada nas Escrituras”. Esta afirmação esclarece um pouco o quão importante é a pregação, pois através dela o ser humano fala em nome de Deus. Walter Bowie acrescenta a esta declaração a idéia de que “o pregador é um canal de comunicação do Deus vivo para a alma viva que ali está diante dele”. Não há como a igreja testemunhar sem que todos os seus membros sejam canais de comunicação do Deus vivo, e conseqüentemente, não pode haver crescimento sem esta proclamação!<sup>217</sup>

“A pregação é a comunicação verbal da verdade divina, com o propósito de persuadir”. A esta definição acrescenta-se que “pregar é tomar parte na Palavra de Deus, é tornar-se cooperador de Deus.”<sup>218</sup>

No Novo Testamento encontram-se inúmeras referências diretas e indiretas relacionadas à proclamação da Mensagem de Deus. Ele usa no total quatro palavras para se referir diretamente à pregação: *eu)aggeli/zw* “anunciar as boas novas”; *katagge/lw* “proclamar as boas novas, pregar”; *khru/ssw* “anunciar, proclamar”; *didaxh/* “ensino”.

Jesus usou a pregação em todo o Seu ministério. A Sua ênfase sempre foi a proclamação das Boas Novas de Deus. Os apóstolos, por sua vez, seguiram o exemplo do mestre, tanto é que a principal forma de crescimento da igreja primitiva ocorreu mediante o anúncio da Palavra de Deus. Este é o grande detalhe a ser destacado: não é o anúncio de qualquer palavra, mas da Palavra que vem do Senhor, palavra que é inspirada pelo Espírito Santo e que por isso se torna veículo da graça divina.<sup>219</sup>

O autor Lucas registra no livro de Atos uma série de pregações. Ele também deixa claro que estas foram instrumentos essenciais para o crescimento da Igreja Primitiva. Em Atos 2.42 ele declara que os primeiros cristãos “perseveravam na doutrina dos apóstolos”, indicando assim que eles não permaneceram sendo apenas ouvintes inconsistentes, mas pessoas envolvidas diretamente no anúncio das Boas Novas.

J. I. Packer, ao falar sobre a pregação, declara:

Continuo a acreditar na pregação e... sustentar que não há substituto para ela, e não há poder ou maturidade ou visão sistemática ou comunhão íntima com Deus na igreja sem ela. Também, constantemente sustento que se a busca de hoje por renovação não for, juntamente com todas as outras coisas que lhe

<sup>217</sup> MORAES, J. *Homilética*, p. 19.

<sup>218</sup> *Ibidim*, p. 50.

<sup>219</sup> CHAMPLIN, R. N. *Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia*, v. 5, p. 367-368.

dizem respeito, uma busca por verdadeira pregação, provará ser superficial e improdutiva.

A pregação canaliza não apenas a autoridade de Deus, mas também sua **presença** e seu **poder**... A pregação resulta num encontro não somente com a verdade, mas com o próprio Deus...

A História não fala de significativo crescimento e expansão da igreja que tenha acontecido sem pregação... O que a História mostra, sim, é que todos os movimentos de reavivamento, reforma e trabalho missionário parecem ter tido pregação como seu cerne; instruindo, ativando, às vezes purificando e redirecionando, e freqüentemente liderando todo o movimento. Assim, parece que a pregação é sempre necessária para que um sentido adequado de missão seja despertado e mantido em qualquer lugar na igreja.<sup>220</sup>

Charles Spurgeon, um dos maiores pregadores da história da igreja, afirma:

Não procuro outra forma de converter as pessoas além da simples pregação do evangelho e da abertura dos ouvidos dos homens para ouvi-la. No momento em que a igreja de Deus menospreza o púlpito, Deus a desprezará. Tem sido através do ministério que o Senhor tem se agradado em reavivar e abençoar suas igrejas.<sup>221</sup>

Destacado o seu conceito e sua importância que é apontada por grandes pregadores, consegue-se ter noção do quão importante é a pregação na igreja e do quanto ela pode fazer a igreja crescer, quando está apoiada em uma base sólida, quando é aplicada à vida dos ouvintes e quando a vida do pregador condiz com a verdade exposta por ele. Quando não segue estes requisitos, a pregação não passa de um discurso enfadonho!

#### 4.2.1 A base sólida da pregação

“Pregação é a comunicação da Palavra de Deus, com aplicação para o presente e desafios para o futuro. Sem a interpretação da Palavra de Deus, sem aplicações e sem desafios não há pregação.” Mas a base está na Palavra de Deus, e esta base precisa ser seguida fielmente. “Se o que se expõe no púlpito não está baseado na Palavra de Deus é de pouco ou de nenhum valor para os que vão ouvir a mensagem de Deus”.<sup>222</sup>

Jesus, o mestre da comunicação, em suas prédicas usou textos do Antigo Testamento para transmitir a Sua mensagem. Outros pregadores, como João Batista, Estêvão, Paulo, entre outros, estiveram preocupados em expor as Escrituras, nada mais!

<sup>220</sup> EBY, D. Pregação poderosa para o crescimento da igreja, p. 38.

<sup>221</sup> *Ibidim*, p. 38.

<sup>222</sup> MORAES, J. Homilética, p. 47-52.

Para ser relevante, a pregação precisa ser bíblica. Spurgeon afirmou: “O ministro com sua Bíblia é como Davi com sua pedra e funda, plenamente equipado para a peleja.” É importante a observação deste princípio, pois não há outra literatura que possa dar à mensagem a autoridade da Palavra de Deus. “O ideal no sermão é que a Palavra de Deus fale, ou melhor, Deus fale através de sua Palavra”.<sup>223</sup>

“Quando o pregador se coloca diante de uma congregação, consciente de que está ali não com suas próprias especulações, porém com uma palavra concisa e clara, procedente do próprio coração de Deus, falará com confiança e se notará autoridade em sua voz.”<sup>224</sup>

Somente quando o pregador tem convicção de que o que está transmitindo não são suas palavras, mas sim as Palavras de Deus, é que a pregação surtirá o efeito esperado. Mas isso implica uma enorme responsabilidade: o pregador estará sendo o fiel porta-voz de Deus. O que representa um real temor e tremor. “Quanto mais o pregador ‘treme’ diante da Palavra de Deus, sentindo a autoridade da Palavra sobre a sua consciência e sua vida, mais ele será capaz de pregá-la com autoridade aos outros”.<sup>225</sup>

Lamentavelmente nos últimos anos a pregação da Palavra tem sido deixada de lado. Pensamento humanos, e não divinos, têm sido transmitidos. Muitas vezes a base da pregação tem sido esquecida, por não se dar o devido valor às Escrituras. John Knox, ao falar sobre a importância da Bíblia, destaca que, ela é literatura religiosa de altíssima qualidade, e ainda afirma que:

Não é grande literatura apenas, mas em alguns aspectos é incomparavelmente grande. É o relato mais realístico do homem que o próprio homem jamais produziu. A pregação, no entanto, é também profunda e radicalmente relacionada com o homem, sua necessidade e sua redenção, sendo que sua eficiência e genuinidade dependem da compreensão profunda, certa e verdadeira do pregador relativamente à situação humana. A Bíblia prevê recursos para essa compreensão.<sup>226</sup>

É interessante também observar que, apesar da sua idade, a Palavra de Deus continua sendo muito atual. Fala como sempre falou no passado. Todos os que a ouvem conseguem ouvir a voz de Deus.<sup>227</sup> Cabe ressaltar que as pessoas encontrarão respostas para a sua vida não devido à eloquência do pregador ou na sua sabedoria, mas sim quando este transmitir pura,

---

<sup>223</sup> MORAES, J. Homilética, p. 47-52.

<sup>224</sup> *Ibidim*, p. 49.

<sup>225</sup> *Ibidim*, p. 47-52.

<sup>226</sup> *Ibidim*, p. 47-52.

<sup>227</sup> MARINHO, R. M. A arte de pregar, p. 183-184.

clara e somente a Palavra de Deus. Diante disso, ter grande identificação com a Bíblia é essencial para o pregador. Ela é seu manual, sua bússola, sua vida.<sup>228</sup> Quando o pregador se identifica com a Palavra de Deus, ele também conseguirá aplicá-la à vida de seus ouvintes.

#### 4.2.2 A aplicação: o princípio da atualização

“A pregação se torna relevante quando, sustentada em base bíblica, apresenta um conteúdo contextualizado capaz de alcançar os ouvintes”.<sup>229</sup> Para isso, é importante que o pregador considere a existência de duas culturas: a cultura em que o texto foi escrito originalmente e a cultura de seus ouvintes. Somente quando o pregador conhece bem a realidade do passado e também o contexto do presente, é que ele conseguirá transmitir uma mensagem desafiadora para o homem de hoje.<sup>230</sup>

A aplicação também é importante porque torna a mensagem pessoal. Através dela, o pregador indica o que o ouvinte deve fazer, como reagir com determinado texto bíblico.<sup>231</sup> A aplicação nada mais é do que

tornar o sermão prático, acomodando-o ao auditório através da adaptação dos seus conceitos e ensinamentos à vida dos ouvintes, de tal modo que resulte em uma boa adequação, capaz de possibilitar ao pregador entrar no mundo do ouvinte, para trazê-lo ao mundo da mensagem pregada.<sup>232</sup>

Para que esta aplicação se torne realmente relevante, é interessante que o pregador siga alguns princípios: *conhecer seus ouvintes* é de fundamental importância, pois este conhecimento mostrará quais são as necessidades destas pessoas. Uma pregação voltada para qualquer tema que não seja a necessidade do grupo a quem se fala, torna-se completamente desnecessária e irrelevante.<sup>233</sup>

O conhecimento dos ouvintes implica uma *proximidade com eles*. Quanto mais próximo de seus ouvintes o pregador está, tanto mais eles se aproximarão da mensagem. Outro princípio importante é a *intimidade com o texto bíblico* que o pregador precisa ter. “A autoridade da pregação depende da proximidade entre o pregador e o texto bíblico que está sendo exposto”. O texto precisa fazer parte da vida do pregador. O pregador precisa conhecê-lo em profundidade para conseguir tirar dele lições relevantes.

<sup>228</sup> MORAES, J. Homilética, p. 47-52.

<sup>229</sup> *Ibidim*, p. 47-52.

<sup>230</sup> *Ibidim*, p. 47-52.

<sup>231</sup> DOUGLAS, K. Celebrando o amor de Deus, p. 149-150.

<sup>232</sup> MORAES, J. *Op. Cit.*, p. 47-52.

<sup>233</sup> MARINHO, R. M. A arte de pregar, p. 250-251.

*A ponte entre o texto bíblico e os ouvintes* é outro princípio a ser observado na aplicação, pois há um grande “abismo” entre o mundo bíblico e os ouvintes que deve ser transposto pelo pregador. A aplicação precisa usar o relato do passado e torná-lo real na vida do presente.<sup>234</sup>

*A simplicidade e objetividade da mensagem* também precisam ser observadas. Uma mensagem truncada e delongada demais faz com que qualquer aplicação caia por terra. O pregador precisa entender que sua função “não é apresentar uma pesquisa erudita do texto, nem fazer uma exibição do seu conhecimento; ele está tratando com almas vivas e deseja comovê-las, conduzindo-as com ele, guiando-as à Verdade”, e por isso, erudição e demora em demasia não o deixam desempenhar a sua função.<sup>235</sup>

A Palavra de Deus é sempre atual. Tem uma mensagem para todas as épocas. O detalhe é que nem todos os ouvintes conseguem entender esta mensagem, e, por isso, torna-se tão importante a aplicação da mensagem na vida dos ouvintes.<sup>236</sup> Mas a aplicação só surtirá efeito se ela já for vivenciada pelo pregador!

#### **4.2.3 A vida do pregador**

“Pregadores rasos e secos pregam sermões sem poder para auditórios sonolentos”. A vida do pregador influencia muito em sua mensagem! O pregador pode ser comparado a um espelho: em primeiro lugar, um espelho mostra quem o ser humano é através da imagem e não do som. O sermão mais eloquente do pregador, sem sombra de dúvida, é a sua forma de viver, é seu exemplo de vida.

Em segundo lugar, um espelho precisa ser limpo para refletir a imagem com clareza. Da mesma forma, a vida do pregador deve ser uma vida de pureza, sem máscaras. Em terceiro lugar, o espelho precisa ser plano. “Um espelho côncavo ou convexo distorce e altera a imagem.” De igual modo, a vida do pregador precisa ser irrepreensível para não distorcer a mensagem que está pregando.

O espelho também precisa ser iluminado. Sem luz, ele não cumpre a sua função. Deus é luz. A sua Palavra é luz. Quanto mais perto de Deus o pregador está, tanto mais irá refletir esta luz que vem de Deus.

---

<sup>234</sup> MORAES, J. *Homilética*, p. 140-147.

<sup>235</sup> DOUGLAS, K. *Celebrando o amor de Deus*, p. 145.

<sup>236</sup> MORAES, J. *Op. Cit.*, p. 140-147.

Com base nestas comparações, consegue-se compreender o quão importante é a vida do ministro no que se refere ao impacto de suas mensagens. Uma vida de santidade é indispensável. Ser um exemplo de vida em todos os momentos é primordial. Quando não é assim, acontece o que Charles Spurgeon lamenta: “A vida do pregador deveria ser como um instrumento magnético a atrair as pessoas para Cristo; mas é triste constatar que muitos pregadores afastam as pessoas de Cristo.”<sup>237</sup>

Mas o pregador não deve manifestar apenas santidade de vida, mas também santidade na pregação (2Co 2.17). Quando se prega o que o povo quer ouvir e não o que precisa ouvir, está se mercadejando a Palavra de Deus, o que é ser infiel com Deus e com Sua Palavra. O objetivo do pregador não é entreter o público e nem agradar os ouvintes, mas é anunciar a Mensagem de Deus.

A vida do pregador deve manifestar uma profunda busca por Deus. “Os pregadores que prevalecem com Deus na vida pessoal são mais eficazes em seus púlpitos.” Dentro desta busca por Deus destaca-se: a oração, que representa intimidade com Deus, pois se o pregador não fala com Deus, como saberá o que Deus quer falar ao Seu povo? Além da oração, destaca-se ainda o jejum, que demonstra literalmente o anseio que o pregador tem de Deus e o estudo da Palavra. “O pregador deve ser um estudante”. “Aquele que cessa de aprender tem cessado de ensinar. Aquele que não semeia em seus estudos, não irá colher no púlpito.”<sup>238</sup>

Destaca-se ainda a dependência de Deus na vida do pregador. “Para cumprir a grande responsabilidade de se colocar diante das pessoas e falar em nome de Deus, o pregador precisa, antes de tudo, colocar-se diante dele. Somente conhecendo Deus, podemos pregar em seu nome.” Essa dependência é vital, pois é Deus quem deve dar a mensagem ao pregador!<sup>239</sup>

Na grande comissão, Jesus conclama a todos a pregarem o Evangelho (Mt 28.18-20). Na Igreja Primitiva, pode-se ver esta realidade na prática, pois eles entenderam o quão importante é a pregação no crescimento da igreja. O detalhe é que esta pregação não pode ser realizada de qualquer forma (como muitas vezes acontece nos dias atuais), mas deve ser baseada unicamente na Palavra de Deus, para depois ser aplicada de forma clara à vida dos ouvintes por pessoas que levam uma vida em santidade. Muitas vezes as atitudes erradas do pregador gritam tão alto que os ouvintes já não conseguem entender a sua mensagem, por mais bíblica

---

<sup>237</sup> LOPES, H. D. A importância da pregação expositiva para o crescimento da igreja, p. 165.

<sup>238</sup> *Ibidem*, p. 157-183.

<sup>239</sup> MORAES, J. Homilética, p. 28-29.

que ela seja. Quando o povo de Deus vive em santidade e anuncia a Palavra de Deus continuamente, é que ele está apto para fazer missões.

### 4.3 Testemunho através de missões

Jesus incumbiu seus discípulos a "ir fazer discípulos de todas as nações" (Mateus 28:19), e durante os dois milênios seguintes ou mais, alguns cristãos tem se esforçado para realizar isso. Apesar do cristão poder e dever praticar evangelismo pessoal individualmente, existe um nome específico para a prática organizada de mandar pessoas em projetos evangelísticos em lugares espiritualmente necessitados em outros países ou em seu próprio país. Nós chamamos de missões.<sup>240</sup>

Ao se olhar para a igreja, percebe-se que a sua "base doutrinária... é o reconhecimento de quem é Jesus". Quando a igreja é verdadeiramente cristocêntrica, ela com certeza será uma igreja apaixonada por missões, pois a obra redentora de Jesus Cristo abrange todos os povos, não podendo desta forma ficar restrita a divulgar a mensagem apenas aos seus participantes.

A igreja é a construção de Deus. Jesus é a pedra fundamental sobre quem todo o edifício é edificado, e Deus vai acrescentando a cada dia novas "pedras vivas" (1Pe 2.5). Esta ideia de edificação representa inclusão e acolhida, o que novamente aponta para a responsabilidade missionária da igreja.

A igreja tem diversas funções, como comunhão, adoração, ensino, louvor, mas os apóstolos se esforçaram em deixar claro que a principal função da igreja é

anunciar as grandezas de Deus (1Pe 2.9). Em outras palavras, a igreja somente cumprirá o seu papel se for uma comunidade aberta, comunicativa e presente na sociedade. Qualquer idéia de isolamento ou clube restrito contradiz a própria natureza da igreja. A tarefa é expansiva, não para projetar o nome da comunidade, mas para fazer o nome de Cristo conhecido entre todos os povos. Testemunhando a obra de Deus em nossas vidas.<sup>241</sup>

Logo no começo do seu ministério, Jesus já revela este grande propósito: "*Assim como tu enviaste-me ao mundo, também eu os envie ao mundo*" (Jo 17.18). Desta forma, ele aponta para a tarefa missionária da igreja. "Essa tarefa missionária é urgente. Muitos povos da terra ainda não ouviram o Evangelho da salvação. Nos países da janela 10x40, o povo vive na absoluta ignorância." Mas como a igreja tem reagido diante de tão grande responsabilidade?<sup>242</sup>

<sup>240</sup> ILÚMINA Gold, CD-ROM.

<sup>241</sup> EKSTROM, B.; MENDES, P. *Missões & Cia*, p. 29-35.

<sup>242</sup> CABRIAL, S. S. R. *Missio Dei*, p. 49-51.

Para cumprir o seu propósito, a igreja local precisa entender que promover missões é sua responsabilidade, que cabe a ela de forma particular, para depois desenvolver uma estratégia capaz de auxiliar a igreja em sua tarefa.

#### **4.3.1 Missões: tarefa da igreja local descrita na Bíblia**

Deus, em toda a história, sempre mostrou que o Seu plano incluía a participação do ser humano. Basta olhar para a Bíblia para que o leitor encontre Deus usando pessoas na execução de Seus propósitos, isso tanto no Antigo Testamento, com o povo de Israel, como também no Novo Testamento, através da igreja.

Ao se olhar para o Antigo Testamento, percebe-se nitidamente já na criação o propósito de Deus de, através do ser humano, espalhar a Sua glória sobre a terra. Mais tarde, quando Deus chama Abraão (Gn 12.1-3), Ele deixa claro que a partir de Abraão Deus irá constituir uma nação com o objetivo de abençoar todos os povos da terra.

A família de Abraão cresceu e se tornou uma nação, a nação de Deus. Através de Israel, Deus demonstrou a Sua majestade a todas as nações do mundo daquela época. O povo de Israel tinha um ofício sacerdotal (Êx 19.5-6), ou seja, os israelitas eram os mediadores entre Deus e os outros povos. Fica evidente que em todo o Antigo Testamento Deus tem a intenção de manifestar ao mundo quem Ele é através de instrumentos humanos.<sup>243</sup>

Mas, como o povo de Israel fracassou nesta tarefa, no Novo Testamento Deus usa outro instrumento: a igreja. Ela passa a ser a agência missionária de Deus. Na igreja, Deus reuniu pessoas de todas as tribos, povos e nações, que se tornaram um só povo mediante o sacrifício de Jesus (Ef 2.14-16). A estes foi conferida a responsabilidade de tornar o nome de Deus conhecido em todo o mundo. Na Grande Comissão, Jesus deixa claro que a tarefa da igreja é anunciar as Boas-Novas da salvação a todas as pessoas (Mt 28.18-20).

Se em toda a história Deus demonstrou que o Seu plano é que todos os habitantes da terra O conheçam e reconheçam como Deus de suas vidas, é fácil concluir que o mesmo plano continua valendo para as igrejas dos dias atuais. Cada igreja tem responsabilidade de realizar a obra missionária. Esta verdade também é encontrada na Igreja Primitiva. Todas as igrejas

---

<sup>243</sup> CARRIKER, T. O caminho missionário de Deus, p. 41-49.

locais investiam de alguma forma em missões. Não havia exceções! Todos participavam, cada membro com sua família.<sup>244</sup>

#### 4.3.2 As estratégias missionárias para a igreja local

Em nenhum momento da história a igreja apresentou um método evangelístico e missionário tão impactante como na Igreja Primitiva. Resistiu a inúmeras perseguições e alcançou pessoas dos mais diferentes lugares. Isso só pôde ser realidade porque a Igreja Primitiva via a obra missionária como sua prioridade.

Os primeiros cristãos alimentavam um profundo amor pelas almas perdidas. Suas vidas eram dirigidas inteiramente pelo Espírito Santo. Além disso, cada cristão era uma testemunha em potencial, e falava de Jesus a todo o momento em todos os lugares. O impacto que estas pessoas causavam na sociedade estava intimamente ligado à transformação de suas vidas. Valorizavam as pessoas acima das construções, sendo elas seus maiores bens. Estas são algumas características presentes na Igreja Primitiva que têm influência direta sobre o resultado de suas estratégias.

Dentre as principais estratégias adotadas pela Igreja Primitiva, destacam-se: *proclamação constante da mensagem de Deus*. Esta mensagem era sobremaneira cristocêntrica, ou seja, baseada profundamente na obra redentora de Cristo. Entendiam que as pessoas precisavam conhecer a Cristo para terem as suas vidas transformadas. Além disso, sua mensagem era contextualizada à realidade das pessoas, o que fazia com que todos a entendessem. Sua mensagem era também imutável. Não havia acréscimos nem mudanças. Isso fazia com que o povo confiasse na mensagem anunciada.

Também *trabalhavam do centro para fora*, ou seja, começavam onde estavam. Tinham como propósito aquecer o coração do grupo, para que este se tornasse apto para receber novos participantes, por isso valorizavam a comunhão, as orações em conjunto, o que fortificava o grupo.

Os cristãos da Igreja Primitiva também *deixavam-se envolver*. Todos faziam parte desta grande obra e se entregavam de corpo e alma para que a mensagem da salvação atingisse a todas as pessoas.<sup>245</sup> Além disso, *usavam a sua influência* para atingir pessoas estratégicas da

---

<sup>244</sup> QUEIROZ, E. *A igreja local e missões*, p. 43-49.

<sup>245</sup> FISH, R. J. *O plano mestre de evangelismo*, p. 14-15.

sociedade. Sabiam que tinham de aproveitar ao máximo seu tempo e cada oportunidade e desta forma anunciar a mensagem às pessoas certas e que estavam dispostas a ouvir.

Outra estratégia importante é que esses cristãos *exerciam supervisão*. Não deixavam os novos convertidos sem um acompanhamento. Eles precisavam ser instruídos, e por isso os apóstolos colocavam líderes maduros em cada igreja, além de supervisionar pessoalmente cada nova comunidade.<sup>246</sup> Tinham ainda uma grande preocupação em *multiplicar testemunhas*. Cada novo convertido imediatamente passava a tomar parte na evangelização mundial.<sup>247</sup>

Sua forma de agir e suas estratégias adotadas fizeram com que a Igreja Primitiva se tornasse um exemplo de igreja missionária. O exemplo está claramente descrito na Bíblia, pena que a igreja dos dias atuais não tem seguido seu exemplo e tem se mantido apática a sua tarefa missionária.<sup>248</sup>

#### 4.3.3 As possíveis causas da apatia da igreja quanto a sua tarefa missionária

Se a igreja dos dias atuais seguisse fielmente o modelo da Igreja Primitiva, seu crescimento também seria extraordinário e surpreendente. Mas, diversas vezes a igreja tem perdido seu referencial, e por isso tem lutado apenas para se manter viva, não conseguindo nem pensar em crescimento. Isso tem acontecido por causa de diversos fatores:

*1 – O sincretismo religioso e a desobediência da igreja* – o materialismo, o secularismo e muitas vezes até práticas de religiões pagãs têm invadido a igreja, o que constitui a sua desobediência e que tem feito com que a igreja negligenciasse a Palavra de Deus. Seus valores têm sido alterados, e por isso, fazer missões já não é mais a sua máxima. Valorizam muito mais o “ter”, ou seja, as pessoas já não são mais prioridade.

*2 – O isolacionismo e a missão da igreja* – muitas vezes, com a visão de manter a igreja pura, ela tem se afastado do mundo a sua volta. Não há como a igreja cumprir a sua missão no mundo se ela permanecer isolada dele! “A igreja precisa estar inserida no mundo para sentir a necessidade do povo e estender a mão para ajudá-lo.”

*3 – O liberalismo, o ecumenismo e a missão da igreja* – no presente século há um forte movimento a favor do ecumenismo. Além disso, muitas igrejas têm adotado estilos

<sup>246</sup> GREEN, M. Estratégias e métodos evangelísticos da Igreja Primitiva. In: A MISSÃO da igreja no mundo de hoje, p. 55-73.

<sup>247</sup> FISH, R. J. O plano mestre de evangelismo, p. 39-40.

<sup>248</sup> GREEN, M. *Op. Cit.*, p. 55-73.

completamente liberais, assumindo e incorporando toda e qualquer doutrina sem avaliar a sua coerência com a Bíblia. Estas igrejas têm apoiado o ecumenismo ferrenhamente e por isso têm perdido completamente sua responsabilidade missionária, visto que neste movimento a máxima é o diálogo entre as religiões e não mais a proclamação da Palavra de Deus para alcançar o perdido.

4 – *A questão dos conflitos por causa da religião* – há também o grande esforço de muitas igrejas em provar que a sua doutrina é a certa. Esforçam-se em defender o que creem diante de outras igrejas, mas esquecem-se de colocar em prática sua declaração de fé. Os conflitos, além de desviarem o foco da igreja, são um mau testemunho para o mundo.<sup>249</sup>

5 – *A questão da contextualização* – a igreja muitas vezes tem negado o contexto em que moram os seus ouvintes. Diante disso, tem-se pregado um evangelho vazio, que não tem nada a ver com a realidade das pessoas naquele lugar. Para que o não-cristão entenda a Palavra de Deus, ela precisa ser aplicada à sua realidade!<sup>250</sup>

Uma igreja autêntica testemunha de Jesus Cristo! Como crescerá se não anunciar as verdades da Palavra de Deus e não tornar o nome do Salvador conhecido? Mas, para testemunhar, a igreja precisa manter a sua pureza (ser semelhante a Cristo), todos precisam anunciar a Cristo em todos os momentos e em todos os lugares e a igreja precisa ser apaixonada por missões. Missões começa onde a igreja está. Basta ter vidas transformadas que preguem a Palavra de Deus.

---

<sup>249</sup> CABRIAL, S. S. R. *Missio Dei*, p. 53-76.

<sup>250</sup> SCHWARZ, C. A. *O desenvolvimento natural da igreja*, p. 34-35.

## CONCLUSÃO

“A igreja precisa voltar a ser igreja” para que desta forma cresça e atinja as expectativas Divina e humanas. Não basta ser um grupo religioso com muitos adeptos. Os clubes sociais atuam nesta função. A igreja precisa ser um mecanismo de transformação da sociedade à sua volta. Isso só será possível se a igreja crescer, se expandir. Por ser um organismo vivo, o crescimento deveria ser natural, mas, por se esquecer o padrão de Deus, atribui-se à igreja ideias meramente humanas, atrapalhando o que lhe deveria ser natural, que é se desenvolver.

A Palavra de Deus é clara ao apontar para o que Deus espera da Sua igreja. A começar pela liderança, que é o mecanismo que representa o direcionamento, o comando e a coordenação que a igreja necessita para que ela possa cumprir cabalmente a sua função sobre a face da terra. Esta liderança precisa ser dirigida pela visão de Deus. Não basta ter líderes, é preciso que os líderes da igreja consigam visualizar a vontade de Deus.

Liderar não significa mandar em todos. Na verdade representa exatamente o contrário: liderar é servir. A liderança na igreja precisa estar baseada num estilo de liderança de servo, onde o líder trabalha junto com os seus liderados. Jesus é o grande exemplo neste aspecto. Além disso, a liderança na igreja precisa ser delegatória, repartindo as responsabilidades e o trabalho (que é muito) com todos os membros. O líder sozinho alcança poucos resultados. Ele precisa de liderados que se sintam envolvidos na grande tarefa, bem como precisam sentir que o líder também faz parte. Servir e delegar tarefas é a chave para um bom andamento do trabalho na igreja.

Há ainda outro princípio importante para o crescimento da igreja, que é a edificação. Edificar a igreja é fazê-la crescer espiritualmente. Uma igreja que não cresce espiritualmente não é digna de ser chamada de igreja. Maturidade é a palavra chave numa igreja que busca agradar a Deus. Somente uma igreja madura é que consegue ser de fato um marco, um exemplo em meio à sociedade corrompida.

A edificação ocorre por meio de três ações: o *discipulado*, através do qual cristãos maduros caminham ao lado de novos convertidos, ajudando no seu crescimento espiritual, orientando-os e sendo um exemplo vivo e palpável de como se deve seguir à Cristo; a *comunhão*, que é a associação dos cristãos, envolvendo amizade e incluindo participação nos seus sentimentos, nas suas experiências e na sua vivência, passando a fazer parte da vida da outra pessoa ao ponto de sentir o que ela sente; e a *disciplina*, através da qual se realiza correções por meio da

instrução, treinamento, repreensão e até mesmo castigo (exclusão), sendo que esta visa sempre o retorno, o arrependimento da pessoa que se afastou de Deus e da comunhão dos irmãos.

Outro princípio, não menos importante que os demais, é o serviço. Servir, para a igreja, é trabalhar em favor de Deus e de Sua causa, é ser útil, conveniente ou apropriado para a Sua obra, produzindo os resultados esperados por Ele. O serviço pode ser considerado as mãos e os pés da igreja, pois através dele é que a igreja se move em direção ao mundo.

A igreja serve a Deus primeiramente através de seus dons. Há uma grande diversidade de dons que são concedidos à igreja de acordo com a sua necessidade e a necessidade da sociedade à sua volta. Os dons capacitam os cristãos, e conseqüentemente a igreja, para a edificação, serviço e glorificação de Deus.

Os dons fazem com que a igreja exerça diversos ministérios. Os ministérios administram, cuidam do que é de Deus. Por este motivo é que os ministros devem ser pessoas inteiramente submissas a Deus para administrarem o que é de Deus conforme a Sua vontade. Todos os cristãos são ministros em potencial.

Os ministérios, por sua vez, necessitam de recursos para desempenharem as suas funções. Contribuir para a expansão do Reino de Deus é um princípio claramente destacado pelas Escrituras. Quem contribui está servindo, sendo o maior beneficiado destes atos a própria igreja e o mundo que é alcançado.

Outro princípio importante é o testemunho. O testemunho é representado por uma declaração, uma demonstração plena, uma afirmação comprovada e fundamentada, ou então por ações que conduzem as pessoas a uma verdade. Uma igreja que não testemunha envergonha a causa de Cristo. Testemunhar foi uma das máximas do ministério de Jesus, e a igreja deveria dar ao testemunho o mesmo valor.

A igreja demonstra seu testemunho diante do mundo primeiramente através de vidas santificadas e transformadas. O exemplo de vida dos cristãos fala muito mais alto do que as suas palavras. Jesus, o Mestre dos mestres ensinava primeiro pela vida para depois ensinar por palavras.

Vidas santificadas são vidas aptas a anunciar a mensagem da salvação. A pregação é o principal meio desta divulgação. Pregar a Palavra de Deus não é apenas falar sobre Deus. A

mensagem precisa ser apresentada de forma clara, contextualizada, aplicada, baseada apenas no que Deus diz e manda dizer, estando a vida do pregador sempre em conformidade com a mesma.

O testemunho da igreja vai além de vidas transformadas e de pregações bem elaboradas. O testemunho cruza os oceanos e vai até os lugares mais distantes através de pessoas chamadas por Deus para uma tarefa tão sublime. Fazer missões é testemunhar. Nem todas as pessoas podem ir até outros países para anunciar a mensagem da salvação, mas isso não significa que as mesmas não podem fazer parte de tão importante tarefa. Envolvendo-se na obra missionária é que os cristãos conseguem anunciar ao mundo inteiro o que Cristo fez pela humanidade.

Todos os princípios mencionados são encontrados de forma plena na Igreja Primitiva. Ao se olhar para a Igreja Primitiva, percebe-se que ela não é uma igreja qualquer, mas sim uma igreja distinta, um referencial. Sua característica essencial é que ela foi uma igreja cheia do Espírito Santo, e isso devido ao seu modo de vida. Deus se agradou desta igreja e a abençoou fazendo com que as pessoas não cristãs se sentissem atraídas àquele grupo de pessoas, que eram diferentes dos fariseus. Por colocar em prática estes princípios, muitas pessoas se dispunham a ouvir sobre o Evangelho. Ouvindo a Palavra, o Espírito Santo tocava no coração destas pessoas, e por isso, todos os dias havia pessoas sendo salvas por Deus.

Não há dúvidas de que o crescimento da Igreja Primitiva foi consequência de seu modo de agir. A igreja dos dias atuais deve, portanto, não buscar o crescimento, e sim, buscar ser igreja. Todo o resto ocorre naturalmente.

## REFERÊNCIAS

- AGUILERA, José Miguel. Dinamizando a igreja para cumprir a Grande Comissão. São Paulo: Abba Press, 1995. 175 p.
- ARAÚJO, Simonton César de. Persiga a santificação. Niterói: [s. n.], 1995. 48 p.
- A MISSÃO da igreja no mundo de hoje. Trad. José Gabriel Said. São Paulo: ABU, 1982. 248 p.
- BARCLAY, William. Palavras chaves do Novo Testamento. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 206 p.
- BARNA, George. Líderes em ação. Trad. Heloísa Martins. Campinas: United Press, 1999. 332 p.
- \_\_\_\_\_. O poder da visão. Trad. João Bentes. São Paulo: Abba Press, 1993. 190 p.
- BERGSTÉN, Eurico. Introdução à teologia sistemática. Rio de Janeiro: CPAD, 1999. 436 p.
- BITTLINGER, Arnold. Dons e ministérios. São Paulo: Paulinas, 1977. 135 p.
- BOICE, James Montgomery. O discipulado segundo Jesus. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. 240 p.
- BRITANNICA, E. (edit). Encicloédia Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1989. V. 12. 512 p.
- BROWN, Colin (edit). O novo dicionário internacional de teologia do Novo Testamento. Trad. Gordon Chown. São Paulo: Vida Nova, 1983. V. 1 e 4.
- CABRIAL, Silvano Silas Ribeiro. Missio Dei: a missão de Deus e o crescimento das igrejas históricas. Londrina: Descoberta, 2004. 160 p.
- CHAMPLIN, Russell Norman. Enciclopédia de Bíblia, teologia e filosofia. 8. ed. São Paulo: Hagnos, 2006. V. 1, 5 e 6.
- CARRIKER, Timóteo. O caminho missionário de Deus: uma teologia bíblica de missões. 2. ed. São Paulo: Sepal, 2000. 321 p.

CONTU, Lécio. Dando a Deus o que é de Deus. Londrina: Descoberta, [19--]. 101 p.

DEVER, Mark. Nove marcas de uma igreja saudável. São José dos Campos: Fiel, 2007. 307 p.

DOUGLASS, Klaus. Celebrando o amor de Deus: o despertar para um novo culto. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2000. 288 p.

DUSILEK, Nancy Gonçalves. Liderança cristã: a arte de crescer com as pessoas. 2. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1988. 213 p.

EBY, David. Pregação poderosa para o crescimento da igreja. Trad. Else Lemmos. São Paulo: Candeia, 2001. 230 p.

EKSTROM, Bertil; MENDES, Paulo. Missões & Cia. Londrina: Descoberta, [199\_]. 152 p.

ERICKSON, Millard J. Introdução à teologia sistemática. Trad. Lucy Yamakami. São Paulo: Vida Nova, 1997. 540 p.

FALCÃO SOBRINHO, João. A túnica inconsútil. Rio de Janeiro: JUERP, 1998. 185 p.

\_\_\_\_\_. Teologia da mordomia cristã: comissão de mordomia total. Rio de Janeiro: JUERP, [19--]. 123 p.

FINZEL, Hans. Dez erros que um líder não pode cometer. São Paulo: Vida Nova, 1997. 191 p.

FISH, R. J. O plano mestre de evangelismo: guia de estudo. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1981. 62 p.

GRAHAM, Billy. O poder do Espírito Santo. Trad. Hans Udo Fuchs. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000. 220 p.

GUSSO, Antônio Renato. Bebendo da fonte: lições bíblicas para classes de batismo e novos convertidos. Curitiba: FatoÉ, 2001. 84 p.

HAGGAI, John. Seja um líder de verdade: liderança que permanece para um mundo em transformação. Trad. Amantino Adorno Vassão. Belo Horizonte: Betânia, 1990. 280 p.

HUNTER, James C. Como se tornar um líder servidor: os princípios de liderança de o monge e o executivo. Trad. A. B. Pinheiro de Lemos. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. 136 p.

\_\_\_\_\_. O monge e o executivo: uma história sobre a essência da liderança. Trad. Maria da Conceição Fornos de Magalhães. 25. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 139 p.

ILÚMINA Gold. São Paulo: SBB, 2003. 4 CDs-ROM.

JUTILA, Craig. Quatro princípios fundamentais para líderes de ministério infantil. Trad. Leila Eunice Apse Paes. São Paulo: Vida, 2004. 244 p.

KIVITZ, René (edit). Koinonia: manual para líderes de pequenos grupos. 4. ed. São Paulo: Abba Press, 2001. 110 p.

KOOGAN, André; HOUAISS, Antônio (edit). Enciclopédia e dicionário digital 98. São Paulo: Estadão, 1998. CD-ROM.

KORNFIELD, David. Desenvolvendo dons espirituais e equipes de ministério. 2. ed. São Paulo: Sepal, 1998. 237 p.

LAWRENCE, Bill. Autoridade pastoral. Trad. Tirza Pinto. São Paulo: Vida, 2002. 266 p.

LEMAIRE, André. Os ministérios na igreja. Trad. Roque Frangiotti. São Paulo: Paulinas, 1977. 129 p.

LOPES, Hernandes Dias. A importância da pregação expositiva para o crescimento da igreja. São Paulo: Candeia, 2004. 257 p.

MARCONDES FILHO, Juarez. Amar e crescer: o fator comunhão no crescimento da igreja. Curitiba: Descoberta, 1999. 128 p.

MARINHO, Robson M. A arte de pregar: como alcançar o ouvinte pós-moderno. 2ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. 277 p.

MAXWELL, John C. As 21 indispensáveis qualidades de um líder. Trad. Josué Ribeiro. São Paulo: Mundo Cristão, 2000. 138 p.

\_\_\_\_\_. As 21 irrefutáveis leis da liderança. Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 243 p.

- MILLER, Steve. Liderança espiritual segundo Spurgeon. Trad. Jurandy Bravo Nogueira Jr. São Paulo: Vida, 2004. 173 p.
- MORAES, Jilton. Homilética: da pesquisa ao púlpito. São Paulo: Vida, 2005. 230 p.
- OLIVEIRA, Raimundo F. de. Teologia do Obreiro: o ministério, suas qualificações e exercício. 2. ed. Campinas: EETAD, [19--]. 206 p.
- ORTIZ, Juan Carlos; BUCKINGHAM, Jamie. Ser e fazer discípulos. Trad. Margarida Oliva. São Paulo: Loyola, 1975. 126 p.
- ORR, Roberto A. Liderança que realiza. Trad. Ézia Mullins. Anápolis: Asas de Socorro, [1994]. 430 p.
- PAES, Carlito. Igrejas que prevalecem. São Paulo: Vida, 2003. 206 p.
- PACKER, J. I. A redescoberta da santidade. Trad. Elias Dantas Filho. Cambuci: Cultura Cristã, 2002. 256 p.
- PHILLIPS, Keith. A formação de um discípulo. Trad. Elizabeth Stowell Charles Gomes. São Paulo: Vida, 1983. 174 p.
- PITROWSKI, Ricardo. A mordomia cristã e o dízimo. 2. ed. Rio de Janeiro: Casa Publicadora Batista, 1958. 131 p.
- QUEIROZ, Edison. A igreja local e missões. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 1991. 151 p.
- ROBINSON, Darrell W. Igreja celeiro de dons. Trad. Maysa Monte. Rio de Janeiro: JUERP, 2000. 175 p.
- ROTTMANN, Johannes H. Se teu irmão pecar: admoestação fraternal na disciplina cristã. Porto Alegre: Concórdia, 1980. 86 p.
- RYLE, John Charles. Santidade sem a qual ninguém verá o Senhor. 3. ed. São José dos Campos: Fiel, 1999. 192 p.
- SANDERS, J. Oswald. Discipulado espiritual. Trad. Elma Gomes Barreto. Rio de Janeiro: JUERP, 1995. 171 p.

SANDERS, J. Oswald. Liderança espiritual. Trad. Oswaldo Ramos. São Paulo: Mundo Cristão, 1985. 151 p.

SCHWARZ, Christian A. As três cores dos seus dons. Trad. Fred Roland Borschtein, Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2003. 157 p.

\_\_\_\_\_. Mudança de paradigma na igreja: como o desenvolvimento natural da igreja pode transformar o pensamento teológico. Trad. Josué Ribeiro. Curitiba: Esperança, 2001. 284 p.

\_\_\_\_\_. O desenvolvimento natural da igreja. Trad. Valdemar Kroker. Curitiba: Esperança, 2003. 128 p.

SEVERA, Zacarias de Aguiar. Manual de teologia sistemática. Curitiba: A. D. Santos, 1999. 490 p.

SHEDD, Russell Phillip. Disciplina na Igreja. São Paulo: Vida Nova, 1983. 72 p.

\_\_\_\_\_. Lei, graça e santificação. São Paulo: Vida Nova, 1990. 105 p.

\_\_\_\_\_. O líder que Deus usa. São Paulo: Vida Nova, 2000. 125 p.

SOLONCA, Paulo. Manual do discípulo. Florianópolis: Discípulo, 1993. V. 1. 160 p.

SOUZA, Estêvam Ângelo de. Nos domínios do Espírito. Rio de Janeiro: CPAD, 1987. 248 p.

STOTT, John R. W. A mensagem de Atos. Trad. Markus André Hediger e Lucy Yamakami. São Paulo: ABU, 1994. 462 p.

\_\_\_\_\_. Batismo e plenitude do Espírito Santo. Trad. Hans Udo Fuchs. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1986. 87 p.

VIERTEL, Weldon E. O crescimento da Igreja Primitiva: um estudo do livro de Atos. Trad. Ronald Rutter. Rio de Janeiro: JUERP, 1976. 195 p.

VINE, W. E.; UNGER, Merrill F.; WHITE Jr., William. Dicionário Vine. Trad. Luís Aron de Macedo. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004. 1115 p.

WEYEL, Hartmut. Meu sonho de igreja: características da igreja de Jesus Cristo, estruturas bíblicas e perfil moderno. Trad. Werner Fuchs. Curitiba: Esperança, 2003. 300 p.

- WIERSBE, Warren W. Comentário bíblico expositivo: Novo Testamento. Trad. Susana E. Klassen. Santo André: Geográfica, 2007. V. 1. 952 p..
- WILKES, C. Gene. O último degrau da liderança. Trad. Neyd Siqueira. São Paulo: Mundo Cristão, 1999. 271 p.
- WILLIS, Wendel. Adoração. Trad. Neyd V. Siqueira. São Paulo: Vida Cristã, 1981. 119 p.
- WRAY, Daniel E. Disciplina bíblica na igreja. São Paulo: Fiel, 1982. 36 p.
- YOUNGBLOOD, Ronald F. (edit). Dicionário ilustrado da Bíblia. Trad. Lucília Marques Pereira. São Paulo: Vida Nova, 2004. 1475 p.